



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Trata-se de um pedido, bem esta palavra não soa muito bem à nossa presunção de macho, e assim trocamos o verbo pedir e substituímo-lo por outro que é sugerir. Este vocábulo não é na verdade tão vinculativo mas, quando se pede, implora-se, lembra «as alminhas do purgatório», «a saúde do seu rico filhinho» e outras frases quejandas. Já o sugerir não é tão obrigatório, deixa mais liberdade ao que tem o poder de decidir, não mete o coração no caso mas tão só a sua inteligência.

O que é então que vimos sugerir? Vamos por partes. Estávamos há dias sentado numa das cadeiras do «socairinho» do Clube Fãozense, conhecido mais por esplanada e juntou-se à nossa beira (ou fomos nós que nos sentámos à baira dele? Já não nos lembra) o Armando

UMA SUGESTÃO À SR.ª DIRECTORA DAS ESCOLAS DE FÃO

(o tal a quem o nosso amigo Eng. Zé Areias interpelou: tu não és o Requeté?) e pusemo-nos a conversar, a conversar e muito naturalmente vêm à colação os nossos tempos da escola; da escola passamos aos professores, Pio Rodrigues, D. Zulmira, D. Ida, D. Adélia e dos professores chegámos às festas, mais concretamente à festa do 1.º de Dezembro. Havia cantorias «Somos pequenos lusitos», «Lá vamos cantando e rindo...», «Portugueses celebremos» e tantas outras, havia o desejado e celebrado discurso do Carlos Martins, que eloquência, senhores!, e havia ainda os nossos recitativos. Foi então que o Armando, o tal, começa a desbobinar, com uma memória prodigiosa, os versos que outrora (já lá vão uns anos, não é xará?) recitou, sem um gaguejo, sem um tremelique, com uma vivência e envolvimento de um putinho de 8 ou 9 anos. A páginas tantas diz ele assim: «e se as actuais senhoras professoras, na próxima distribuição de prémios (informámo-las que era no fim do primeiro trimestre), tomassem a iniciativa de convidarem todos os antigos alunos que em Fão tomavam parte na festa que se realizava no 1.º de Dezembro para recitar os versos que nesses tempos os seus mestres lhes ensinavam?» «Ideia luminosa», rematámos nós. «la ser giro». «Por favor, ponha isso no seu jornal», lembrou o nosso interlocutor. Prometemos que sim.

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

DR. JÚLIO PIMENTA

Já há muito, quase desde a fundação deste jornal que andávamos com o dr. Pimenta na «ideia» para o trazermos ao patamar dos perfiláveis. Ele de facto foi médico em Fão, era o sr. dr. Pimenta e o título de dr. na nossa meninice, conferia, ao revestido por essa designação, uma auréola de pessoa importante, *chic*, *da alta*. Mais a mais o cargo de médico, nessa fase da vida, facturava, uma certa reverência, uns laivos de gratidão a favor de quem tinha o poder de combater e muitas vezes vencer a morte e aliviar as dores.



Essa «sujeição» ainda hoje se verifica, o que confere aos clínicos um estatuto social diferente, que se prolonga pela vida fora. O caso do dr. Juvenal Silva é concludente. Existem hoje no concelho muitas pessoas com o nome de Juvenal o que representa uma situação de homenagem e agradecimentos dos pais ao obstetra que os presenteou com um lindo bebé.

Bem, que nos lembre, o dr. Pimenta era o único clínico em Fão, pese muito embora os serviços do dr. Joel praticados no hospital.

Assim permaneceu em nós, de uma forma marcante a sua imagem, e nós quase que instintivamente, pelo que atrás dissemos, queríamos e desejávamos trazê-lo ao «pódio». Só que adoptámos um critério para a selecção dos «colunáveis» e fiel a esse compromisso que tem muito a haver com a deontologia de jornalista não encontrávamos nada de especial na vida do dr. Pimenta que justificasse a escolha. Foi médico, sim senhor, tentava curar os doentes, mas

isso era a sua profissão e obrigação. Continuamos a sondar os jornais do passado até que há dias, no «O Cávado» de (lá se foi a data) lemos uma coisa curiosa que passámos a contar. Seriam umas sete ou oito da tarde do mês de Agosto. Em duas cadeiras que se encontravam, em cima do passeio, frente ao Clube Fãozense, estavam sentados o dr. Pimenta e o poeta prof. Abel Vinha. A camioneta ou as carreiras que vinham do Porto ou de Braga paravam aí, à porta do Rufino, para receber e despejar passageiros. Como era o princípio de Agosto, os banhistas que vinham para Fão desciam nesse local — os automóveis eram raros — e eram recebidos com grandes demonstrações de alegria pelos que já cá estavam. Era uma de beijos, abraços e palmas nas costas que não mais tinha fim. Esclarecemos, e não ponham isso em dúvida, que muitos veraneantes esperavam ansiosamente o mês de Agosto para virem passar férias a Fão.

O dr. Pimenta e o poeta, bem inseridos na «colónia», olhavam com muito agrado aquelas cenas de ternurice, pois eles também faziam tudo o que podiam para trazer banhistas para a terra.

Nisto deparam, com um velho amigo e *habitué* da praia de Fão que permanecia comodamente sentado no banco da camioneta. Por que raio não saía ele? Desconfiados e «temendo o pior» levantam-se e dirigem-se para a carreira.

— Que raio fica aí a fazer? — perguntaram.

— Ah! Bem, é que este ano vou para Esposende. Já marquei lugar na pensão.

— Tu és tolo, és um traidor! Toda a gente a ver quando chegavas e agora pregas-nos uma tanta destas!...

E changaram o homem, marralharam, lembraram-lhe as delícias da terra, quase lhe pediam pelas alminhas, logo a seguir ameaçavam-no com o corte de relações, e por mais isto, e por mais aquilo. Mas o outro, determinado, segurou-se nas tamancas e não cedeu. Bem, os dois fangueiros acabaram por desistir — não tiveram outro remédio — e a carreira pôde continuar a viagem.

(Continua na pág. 2)

DR. JÚLIO PIMENTA

(Continuado da pág. 1)

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Bem, o tal amigo lá seguiu na camioneta e, chegado, à vila, dirigiu-se para a pensão onde tinha marcado lugar. Já no quarto, pendurou os fatos, meteu a roupa interior nas gavetas, arrumou os sapatos, dispôs as gravatas, colocou os livros por ordem de preferência e arrumou os utensílios de toilette no quarto de banho. Desceu para comer, deu um pequeno passeio, *post prandium*, e depois acabou por se ir deitar. Manhã cedo, com fato de banhista vestido, alugou uma bicicleta e foi para a praia de... Esposende, claro.

Perto da uma voltou a casa e, ao chegar ao quarto, ficou siderado: não viu nem malas, nem roupa, nem livros, nem sapatos, nem roupa interior, nem objectos de toilette nem nada.

— Que raio é isto? — perguntou à dona da casa.

— Ah, estiveram aí uns senhores e por ordem sua, segundo me disseram, levaram-lhe as «coisas» todas — esclareceu esta.

— Quantos eram?

— Dois.

— Já sei. Raios os partam!

O certo é que, se quis mudar de cuequinhas no dia seguinte, lá teve que ir a Fão e prometer aos «raptos» que ficaria na terra a passar as férias.

A história deliciou-nos. Por ela se verificou o quanto era importante para os fangueiros ter a sua praia repleta de turistas. Reparem o trabalho que o «rpto» deu. Foi preciso ter pachorra.

E assim, com casos desta envergadura, que a praia de Fão cresceu, foi crescendo!

Tempos heróicos.

A partir do conhecimento deste caso, a nossa cotação pelo dr. Pimenta subiu três furos.

Outras notícias fomos colhendo para o ficheiro deste clínico. Em 1938 era o Presidente do Clube Desportivo de Fão e, no Cávado de 9 de Março deste mesmo ano, dá uma entrevista para este jornal onde defende pontos de vista sobre o futebol que hoje são considerados dogmas: «no caso de Fão, desporto e bairrismo são uma e a mesma coisa». E adiantava sugestões ou projectos para a sua direcção: fundar uma sede social. Estabelecer uma quota de um escudo por mês de modo que todos os fangueiros poderiam ser sócios. Regalias? Os associados terão um abatimento na entrada de jogos e uma sede onde poderiam ler jornais.

— Conta com adesões? — pergunta-lhe o jornalista.

— Julgo que o povo de Fão não desprezará esta oportunidade de concorrer para uma bela propaganda da sua terra com a qual muito beneficiará o comércio.

Podemos adiantar que a equipa de futebol, nessa altura, era constituída pelos seguintes jogadores: Isalino, Flato e Ernestino; Alfredo, Matos e Américo Gaifém; Alípio, Francisco Carioca (Coimbrões), Luís e Amândio. Falta um: quem é capaz de dizer o seu nome?

Em 12 de Outubro de 1937 realiza-se o auspicioso enlace (transcrevemos) de Manuel Morais com Rosa Fernandes da Costa. Ao champanhe falaram o P.e António Nogueira, Abel Vinha dos Santos, Eugénio Martins da Costa, dr. Júlio Pimenta, João Amândio e Francisco Campos Morais. A menina Rosália Didier levou as alianças. Daqui se infere que o dr. Pimenta era uma presença marcante na sociedade fangueira da época. Até se via obrigado a falar o que era significativo.

O dr. Júlio Pimenta uma vez casado e residente em Fão, tornou-se uma referência

obrigatória do seu progresso. Assumiu o compromisso moral de lutar, de se empenhar pela evolução económica da terra fangueira, sentia-se um responsável para que isso acontecesse. Por natureza era um homem que se importava com o seu próximo. Devido ao seu estatuto, esse peso nas costas era já um empenho cívico e assim vemos o seu nome ligado ao de outros amigos de Fão: Coronel J. Rodrigues Baptista, P.e Sá Pereira, Ten.-Coronel Luís Nogueira, António Henriques que se constituíram em grupo que «tomou a peito o desenvolvimento turístico da praia de Fão».

Foi director, não sabemos se sempre na qualidade de primeiro responsável, do Clube Fãozense, durante 10 anos, portanto desde 1936 até ao ano da sua morte ocorrida em 1946.

De formação humanística acentuada, revelou-se um preocupado com o bem estar do seu semelhante, digamos que um revoltado, um desacomodado e, por isso era tido pelo «poder» como um progressista, portanto perigoso, portanto sem direito a cargos oficiais. Por ironia do destino, foram alguns fangueiros quem o persuadiu a vir para Fão e depois foram esses mesmos fangueiros que lhe tiraram o tapete quando verificaram nele que as suas opções não coincidiam com a *intelligentsia* local. Estava postado mais à frente. Vivía porém unicamente das suas consultas o que não lhe dava margem na prática para actuar plenamente de acordo com as suas convicções. Não era um João Semana *tout court*. Era um homem que vivia só do seu trabalho. No entanto «O Cávado» de 28-4-46 diz dele: «Sempre disposto para mitigar a fome, para minorar o sofrimento, era estimado e benquistado». A quando da sua morte, ocorrida em Apúlia em 16 de Abril de 1946, após uma intervenção cirúrgica efectuada em colaboração com o dr. Barrote, informa o mesmo semanário que, ouviam-se gritos pelas ruas de Fão. E mais: à frente: «A Isaurita, agora no 3.º ano de Economia é o maior testemunho das nobres qualidades do dr. Pimenta...»

Isto espevitou-nos a atenção.

E fomos à procura de informações sobre esta Isaurita. Soubemos então que o dr. Pimenta tomara a seu cargo, ainda como estudante, o amparo e educação de uma pequena orfã. Isaura era o seu nome.

Este amparo prolongou-se para além da vida escolar. A miúda, ao que deduzimos, era boa aluna, o dr. Pimenta continuou a subsidiar-lhe os estudos, ela entrou na Faculdade de Economia e, como refere o jornal, andava já no terceiro ano quando ele faleceu.

Repare-se no tratamento de «Isaurita» que lhe dá o jornal. Isto evidencia uma aura de simpatia que foi criada à volta da pequena Isaura, simpatia que incidia igualmente sobre a personalidade que a tutelava.

FANUM BARIUS

Na rua dos Bombeiros Voluntários, BI 2, abriu em Fão um *pub* com o nome de FANUM BARIUS. Com uma decoração moderna possui móveis também modernos. Enfim, está diferente.

Já reparámos que a juventude caiu lá como formigas no açúcar. Jovens também são os seus proprietários: José Manuel e Henrique Lopes. Não há dúvidas que tiveram bom gosto. O que é preciso é mantê-lo.

E Felicidades, meus caros.

E aqui estamos a formular a sugestão deste nosso conterrâneo a quem de direito. A tarefa não é tão ciclópica como à primeira vista parece. Não serão assim tantos os candidatos que ousem romper a modéstia ou o acomodamento que os acompanham. Depois outros, como é o nosso caso, já não se lembram dos poemas que declamaram. Muitos ainda vivem no estrangeiro e com certeza não vão deslôcar-se de propósito para esse fim. Fazemos uma excepção: o louco do António Torres: esse aparece logo aí nem que seja de avião fretado. E tu, Raimundo, serás capaz de vir? Sim, eu sei: S. Paulo é demasiado longe. É incomensuravelmente longe. Havia ainda o Félix Leite, das Pedreiras. Recitou anos a fio um poema que o tornava inegulável entre os outros. Tornava-se a coqueluxe do dia e ainda dos dias seguintes. Eram só palmas nas costas... Também está longe: no Rio... E tu, Bicha de Grilo, ou melhor, Quim Paturra, ou mais exactamente, Quim Gaifém, virás com certeza.

E muitos outros antes de nós, tempos do Quenor, do Quim Chiquita, do Zeca Barqueira, do Zé Filipe. Do nosso tempo: o Adriano, Umberto, Flávio, Tone Gaifém, Salvina, Teresa (Manca), Maria do Carmo (Ramalhão), Albino Campos. E depois de nós: tantos que nem lhe fazemos a conta.

Não sabemos neste momento se a Zé (para os amigos) Borda ainda é a Directora das Escolas de Fão. Ao que nos disseram há tempos, está para sair. Mas sair com uma festa destas, era sair em glória, aos ombros. Uma recordação para todo o sempre.

Podíamos ter-lhe falado pessoalmente mas optamos por esta via para que se crie aquela vaga de fundo que terá muita mais força do que uma conversa à mesa do café.

Zé: vamos a isso?

NOVOS CORPOS GERENTES DO CLUBE FÃOZENSE

ASSEMBLEIA GERAL

Professor - Mário Ramiro Dias Ferreira; *1.º Secretário* - João Emílio Sá Pereira; *2.º Secretário* - Rafael Maciel de Oliveira.

CONSELHO FISCAL

Presidente - Dr. José Albino Torres Saraiva; *Relatores* - Dr. Mel João de Oliveira Carvalho de Matos; *Professor* - José Filipe dos Santos.

DIRECÇÃO

Presidente - António Agonia Pereira; *Vice-Presidente* - José Lopes de Lima; *1.º Secretário* - Gustavo Ernestino Gomes da Costa; *1.º Tesoureiro* - António Ferreira Gomes da Silva; *Vogal Efectivo* - António da Silva Vieira; *Vogal Suplente* - Américo Rodrigues Coutinho.

★

Não podemos deixar de enviar ao novo Presidente, António Agonia Pereira a sua escolha, numa altura em que perfaz 84 anos. Por assim dizer este gesto dos associados do Clube da Avenida Dr. Manuel Paes premeia toda uma vida dedicada ao associativismo em Fão.

DE APÚLIA

APÚLIA COM NOVO PÁROCO — Desde o dia 7 do mês de Setembro, último, que a paróquia de Apúlia, tem novo pároco. Trata-se do Rev.º Manuel Casado Neiva, que vem de paróquia a freguesia de Aver-o-Mar, concelho de Póvoa de Varzim, onde, durante uma década, criou e desenvolveu uma interessante obra pastoral no campo da família e da juventude, não obstante os problemas herdados (e causados) pela divisão entre duas grandes correntes da freguesia, os amarelos e os vermelhos, e que na altura deram brado.

Mas o Padre Manuel Neiva, já com muita experiência pastoral, adquirida no exercício do seu munus sacerdotal na freguesia de Maximinos, da cidade de Braga, e também numa Capelanía Militar durante cerca de quatro anos, não só conseguiu apaziguar, em parte, as correntes desavindas, como ainda deixou obra.

Dado o seu «curriculum» pastoral, estamos convictos de que a escolha do Prelado da Diocese foi feliz, e veio de encontro aos anseios e desejos da grande maioria dos apulienses.

Mesmo aqueles (poucos), que o contestavam, já ultrapassaram esse equívoco, e também estiveram presentes na sua entrada festiva na Paróquia de Apúlia, a desejar-lhe as boas vindas, como de resto o fez a esmagadora maioria dos seus novos paroquianos.

O Padre Manuel Neiva, é natural da freguesia de marinhas, do arceprelado de Esposende, e tem 39 anos de idade.

De realçar, pelo que isso quer mesmo dizer, a grande representação de Marinenses que se associou à festa da sua chegada a Apúlia, uma prova de admiração e carinho pelo Sacerdote e pelo conterrâneo.

O «Novo Fanguero», deseja ao novo Prior de Apúlia, as maiores felicidades apostólicas e pastorais.

LICENCIATURAS — Na Faculdade de Medicina da cidade do Porto, concluiu a sua licenciatura em medicina geral, a menina Blandina Maria de Castro Torres Gil, de Apúlia, filha do nosso conterrâneo Moisés da Conceição Gil, e de sua esposa, D. Vera Rosa de Castro Torres Gil, residentes na Avenida da Praia.

☆☆☆

Na Universidade Católica de Braga, também concluiu a sua licenciatura em Filosofia, a menina Maria Jesus de Araújo Pedrosa, Também natural e residente em Braga, filha do nosso conterrâneo, Américo de Sousa Pedrosa, e de sua esposa, D. Maria da Conceição Pereira Araújo.

Parabéns aos felizes papás, e felicidades aos novos doutores.

O VAI/DEM DOS NOSSOS EMIGRANTES — Depois de passar entre nós, na sua terra, os meses de verão acompanhado da sua esposa, D. América Dias, já regressou aos seus negócios na cidade de S. Paulo, Brasil, o nosso conterrâneo Amândio do Monte Dias, do lugar da Areia.

Também já regressou aos seus afazeres profissionais no Canadá, o nosso conterrâneo António Dias Torres que por cá passou uns meses de férias, na companhia da filha, e da esposa, D. Beatriz Gonçalves Souto, do lugar da Igreja.

Para retomar novamente a sua vida profissional naquele País, já partiu também para o Canadá, o nosso conterrâneo Alcindo Almeida Dias dos Santos, depois de curta passagem entre nós.

Para a sua habitual estadia de férias, e também para dar os «tirinhos» da praxe (que a abertura da caça está à porta), já se encontra na sua casa do lugar da Areia, o nosso conterrâneo João Gomes Moreira o popular João Fé, juntamente com a esposa e filho, vindos do Brasil (cidade de S. Paulo), onde tem a sua vida comercial organizada.

Também acompanhado da esposa, D. Natalina Fernandes dos Santos Hipólito, vindos do Brasil, encontra-se já há alguns dias, o nosso conterrâneo Avelino António dos Santos (Pantojo), no lugar da Igreja.

Felicidades para os que regressam; e boas férias para os que chegaram.

ESCOLA C+S DE APÚLIA — A partir do dia 1 de Outubro de 1991, os jovens apulienses já podem estudar e valorizar-se para as exigentes tarefas do amanhã, sem a necessidade de saírem da sua terra, e consequentemente com menos sacrifícios e menos despesas.

A Escola C+S de Apúlia entrou ontem em funcionamento. Mas nesta altura desconhecemos com quantos alunos, e em que grau de ensino. Primordial é o início do seu funcionamento, e isso aconteceu, felizmente para Apúlia e as suas gentes. E sem inaugurações, que se espera (e deseja) venham a ser feitas com o relevo que esse grande melhoramento merece.

O novo estabelecimento de ensino pode considerar-se o maior e melhor melhoramento que Apúlia já teve.

EM TEMPO DE MISSÃO — Acabado de se licenciar em Filosofia com elevada classificação, partiu para Angola, para a Missão de Luanda, onde também lecionará no Seminário daquela cidade, o

CONVERSANDO ...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

Vivemos num mundo em pensamentos e conclusões.

Quando abrimos a televisão, as notícias e as imagens rebentam como bombas, perante os nossos olhos, com uma rapidez tal, que quase não temos tempo de associarmos os acontecimentos.

Os continentes são autênticos campos de batalha. Ainda mal estamos refeitos da guerra do Golfo, já soam notícias à volta do mesmo tema.

A terra africana, essa mártir da cobiça e egoísmo dos homens, continua em pé de guerra. Mal se apazigua uma fracção desse continente, logo outro fogo rebenta, devastador e implacável, mantendo os seus habitantes em lutas constantes.

As últimas notícias relatam e mostram os últimos acontecimentos no Zaire.

É confrangedor ver as imagens e os rostos entristecidos daqueles que ficaram sem nada e as crianças ao colo das mães, sem compreenderem a tragédia que as atinge.

Hoje, a segurança naquelas zonas é muito precária.

A ânsia de independência e de liberdade, abandonou toda a terra africana.

A escravidão durante séculos, chegou ao fim das suas capacidades, e hoje querem ser livres como os outros povos.

Temos que compreendê-los.

No entanto, a sua revolta e os poucos conhecimentos que possuem, não os deixam ver com sensatez, os culpados e os inocentes.

Todos pagam e por isso a insegurança é total.

Só o tempo, a informação e os conhecimentos que vão adquirindo, lhes darão uma abertura para cimentarem a democracia, com confiança, tolerância e compreensão.

Até lá, muito sangue há-de correr.

Não lhes serviu o exemplo de Angola e Moçambique.

Há-de ser a sua própria experiência que os ensinará.

Há ainda o eterno problema, entre Israel e a Palestina. É um foco que está permanentemente em ebulição.

Já não falo nos problemas do Leste. Isso daria pano para mangas.

São temas demasiadamente complicados e extensos, para serem analisados numa simples crónica de província.

Muito mais haveria para dizer.

Na própria Europa, o terrorismo é uma

jovem apuliense, Padre Isaias Alfredo Fragoso Hipólito, da Companhia de Jesus.

O novo Padre Jesuita, é filho dos nossos conterrâneos, Otílio Fradique dos Santos Hipólito, e D. Maria Irene do Vale Fragoso.

FUTEBOL — Começado há quinze dias o Campeonato Regional da 1.ª Divisão, onde o Grupo Desportivo de Apúlia milita, já o nosso representante defrontou o Fão no Campo Artur Sobral, com o resultado de 2x2, e o Marinhas, um dos favoritos ao título, no campo dos Sargaceiros, com outro empate, desta vez a 1 golo.

Dois bons jogos de futebol, e dois bons resultados para o nosso representante.

CAPELA DA SENHORA DA GUIA — Desde há dias que a Capela da Senhora da Guia, ostenta na sua torre (?), Proa (?) um sóbrio mas valioso relógio, que oferece horas certas a uma grande parte da zona da praia, com a conhecida música do Avé no fim das últimas badaladas das oito, doze e vinte e quatro horas.

Esse melhoramento foi da iniciativa da Comissão de Festas que serviu em 1991, e dizem que terá custado umas centenas de milhares de escudos, dinheiro que sobrou das festas deste ano.

Parabéns aos que possibilitaram esse melhoramento.

constante, entre nações que se dizem civilizadas.

Na Índia, os tumultos são constantes, etc., etc.

Aonde vamos parar?

Quando é que o «homem» se capacita de que só com lealdade, confiança e amor o mundo caminhará em Paz?

É pena que o «homem» seja tão ambicioso, intolerante e egoísta... a vida não é eterna.

Outros homens virão, e seria bom que as gerações passadas, pudessem ser motivos de meditação para os vindouros.

ENTRE NÓS

Esteve em Fão, na Estalagem do Rio (está bom, sr. Arquitecto?) o nosso prezado amigo Mário Fernando Cardoso e Silva. (Ai, esse saudoso quinto ano da Póvoa!...), acompanhado da sua esposa.

O simpático casal permaneceu entre nós, embora tivesse aproveitado os bons dias para ir até lá fora.

Já regressaram a S. Paulo, terra onde vivem e onde trabalha.

E que voltem sempre.

— Tivemos o gosto de ver entre nós a Gilda Coelho Calçada Rodrigues de Almeida que se fazia acompanhar de seu marido José Augusto Rodrigues de Almeida, comerciante, natural de S. Pedro do Sul.

Já há 41 anos que a Gilda, a Leda e sua mãe D. Miquinhas partiram para o Brasil. E agora a Gilda realizou um sonho da sua vida: visitar Fão. Claro, tudo está diferente. Recordou conosco os seus tempos de jovem, a sua participação nas «revistas» do Ernestino e evocou nomes desse tempo. Quinhas do Américo, Arlete Carneiro, Aurora Gaifém, Maria d'Abília, Zé Água Doce, Zé Maia, Martins que tocava violino, Carlos Turra, Mário Belo, o Mário Bebê, Ernestino Sacramento com quem namorou três anos, o Ernestino Glória, o Xico e tantos outros. E os números dessas revistas. E as serenatas que lhe faziam o Neca d'Areia, o Zé Água Doce, o Quim Campos. «Ó que tempos tão ditosos, raparigas...»

A Gilda em jovem era costureira. Ia para casa dos seus clientes que habitavam fora de Fão. Vida dura, também.

A Gilda e o marido estiveram em casa de uma amiga de outros tempos; a Alicinha Pinta. Algumas pessoas das Pedreiras fizeram questão de que o casal fosse lá jantar ou almoçar. Foi uma romagem de saudade. Já voltaram ao Rio. Até sempre, cara Gilda.

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

EM NOME DA GRAÇA

Fez há dias cinco anos que morreu a Graça Maria. Morreu quando não era ainda tempo de morrer. Foi numa dourada e limpa manhã.

Saíra com o noivo, a comprar para o futuro lar, que o casamento estava para breve. No cruzamento, o semáforo mostrava o vermelho. Esperaram. Ele, com as mãos no volante, aguardava calmamente a luz verde; ela, entretida, olhava as montras vistas. O verde apareceu. O carro arrancou. Da direita, porém, surge outro veículo, acelerado, tentando ainda passar, mesmo depois do vermelho. O choque foi inevitável e fragoroso. O corpo inanimado da Graça foi colocado na maca e a ambulância correu para o Hospital, ligada a sirene, a manchar de tragédia a paz matinal.

O médico de serviço olhou-a longamente, com pena. Tão frágil e tão jovem! Limitou-se a passar a certidão de óbito.

A Graça Maria tinha dezanove anos. Trabalhadora-estudante, estava a fazer o 9.º ano. O noivo ia começar o 10.º. Ambos sonhavam com voos mais altos: a Universidade era a meta. Não contavam com a criminosa imprevidência, com a impaciência irresponsável que, para «ganhar» escassos minutos, destruiu vida, esperanças, alegrias, projectos de futuro definitivamente adiados.

E não matou só a Graça, pois há muitas maneiras de morrer. Todos os dias, desde então, os pais morrem um pouco. A mãe, passado quase um ano, ainda não tinha coragem para entrar no quarto dela. — «Ainda está tudo como ela deixou, naquela manhã» — afirmava, entre soluços. Sim, naquela manhã em que a filha saiu a procurar adornos — para o lar que não chegaria a ter — e encontrou a morte, imerecida e injusta.

O pai, até então homem conversador, alegre, fechou-se num obstinado mutismo. Os lábios contraídos só se descerram para as palavras necessárias. Os olhos perdem-se na evocação da imagem da sua menina. O noivo nunca mais estudou. Os belos sonhos da Faculdade jazem irremediavelmente truncados; só faziam sentido ao lado dela.

A Graça Maria não pode voltar à vida, mas pelo que dela conhecíamos, sentimos que, se pudesse falar, seria para lançar um apelo.

ARTUR SOBRAL

O antigo irrequieto e sempre empenhado no bem de Fão, Artur Sobral vive na sua casa fangueira, na companhia de seus familiares. Tem, segundo consta, 84 anos. Não é jamais o fogoso Sobral de outrora. Na nossa memória permanece porém como o mais destacado baírrista, se não de todos os tempos, pelo menos dos últimos.

Quer ele esteja ou não de posse de todas as suas faculdades, será sempre por nós considerado um lutador, um fangueiro a quem Fão deve gratidão e estima e a realização de muitas e boas obras.

Para alguns jovens fangueiros o nome de Artur Sobral não lhes diz nada. Mas para os mais velhos deve dizer muito e para o jornal «O Novo Fangueiro» também, e tanto que aqui está a recordá-lo e recordar uma pessoa é uma forma de a homenagear.

Aqui o deixamos, tal como imaginamos que ela o faria:

SENHORES CONDUTORES:

Em nome da Graça, da sua vida jovem perdida entre cbapas amassadas; pelos sonhos que sonhou e não viveu, pela dor dos pais, que morrem um pouco em cada dia recordando a sua única filha, amortalhada no vestido de noiva que não chegou a levar à Igreja, não passem os semáforos com a luz vermelha! Da vossa atitude depende não só a vida e a sorte dos outros, à mercê da vossa decisão, como o vosso próprio futuro, pois, de pessoas honestas podeis, por obra de um momento de impaciência, transformar-vos em homicidas.

Por favor, lembrem-se que os escassos minutos que leva a aparecer o sinal verde, podem significar — e tantas vezes significam — a diferença exacta entre a morte e a vida.

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

É de esperar que, com as receitas do mês passado, o colesterol já tenha entrado de novo no bom caminho das subidinhas necessárias...

Aí vai mais uma achega, para tão benemérito objectivo:

FATIAS DOURADAS

Corta-se pão seco às fatias, como se fosse para fazer rabanadas, e põe-se a amolecer em leite (ou em caldo de carne). Depois tiram-se.

À porta, já se tem pronto um picado de carne, refogado, do qual se mete um bocado entre cada duas fatias, até estarem todas recheadas.

Passa-se cada par de fatias por ovo e fritam-se.

CREME DE CACAU EM TIGELA

cacau — 30 gramas.
Leite — meio litro.
Açúcar — 200 gramas.
Ovos — 10 gemas.

Desfaz-se o cacau no leite e junta-se o açúcar. Leva-se a levantar fervura, tira-se e deixa-se amornar.

Quando estiver só morno, juntam-se as gemas bem batidas, liga-se tudo muito bem, e deita-se em pequenas tigelas, que se metem num tabuleiro de bordas altas ou num pirex e vai ao forno a cozer em banho-maria, até ganharem cor por cima. A água para a cozedura em banho-maria não deve exceder a altura da metade inferior das tigelinhas.

(Obs: Se se quiser um creme mais consistente, deve deitar-se 16 gemas, em vez de 10).

E pronto. Bom apetite e boa subidinha!
Um abraço da

TIA MARIQUINHAS

A distração do Dr. José Emílio

Esta aconteceu na tarde do penúltimo domingo, junto ao antigo portão da Guarda Fiscal. O dr. Zé Emílio estava a chegar à praia de braço dado com a esposa. Vinha a conversar nas calmas, mas, às tantas, começou a acelerar a sua prosa parenética, entusiasmou-se e, sem querer, até tirou a mão do braço da esposa.

Isto foi só um arroubo, um momento, e logo a conversa amainou e então o braço baixou para o sítio de onde saíra. Só que o conforto e o automatismo na recolha do braço por parte do cônjuge receptor não se verificou. Sentiu até um sinal de incómodo manifestado quase instintivamente pela receptora, a que não estava habituado, e por isso interrogativamente virou-se para a esposa. Só que a esposa a quem tinha dado o braço, não era a sua esposa. Era outra e desconhecida. Pelos vistos enganchara outra mulher. Procurou então co o olhar a esposa, a sua de facto, e viu-a a rir a bandeiras despregadas. E com ela estavam a rir-se todas as pessoas em redor. O dr. José Emílio acabou por achar graça e riu também. Claro que a «falsa» esposa riu igualmente. Todos se riram também e tudo ficou em família.

O repórter estava lá e registou.

DR. JORGE AREIAS

Temos assistido com muito agrado à ascensão deste jovem médico na sua vida profissional. No concurso de provimento para o Quadro de Serviço de Gastroenterologia do Hospital de Santo António obteve a classificação de 19 valores, ficando agora responsável pela formação dos médicos estagiários daquela especialidade no já referido hospital. Neste momento disfruta do estatuto de assistente estrangeiro dos Hospitais de Paris em hepatologia (uma sub-especialidade (fígado) de gastroenterologia), cidade com quem está em permanente contacto. Nesta altura é o único português que preenche tal *profile*, especialidade em hepatologia que recentemente se independentalizou da gastroenterologia.

Temos a felicidade de o ter como clínico do nosso hospital. Claro que os convites não vão faltar. Mas nós já o avisámos: «para saíres do hospital de Fão terás que passar por cima do nosso cadáver».

EM FRANÇA

Foi de longada até França a nossa conterrânea Branca Cardoso. Esteve em casa de suas filhas. Depois vieram as saudades e um dos genros, o Delfim Ferreira veio trazê-la.

PARA O BRASIL

Já se encontra no Brasil em casa de sua tia Orly Almeida Borda, viúva de Amadeu Borda, a nossa conterrânea e assinante Maria José Borda Dias Costa.

Boa estadia, bom regresso e sobretudo traga boas notícias dos fangueiros que estão «do lado di lá».

PÁGINA JOVEM

ABSTRACÇÃO

Olá, jovens! Neste início de Outono, quantas saudades do Verão que ficou para trás! Mas um outro há-de vir, e até lá é preciso trabalhar, é preciso saber merecê-lo!

AMANHECER NA ALDEIA

Por DONATO QUEIRÓS

(CONCLUSÃO)

Os pinheiros e eucaliptos são como muralhas de um castelo maravilhoso que se ergue voltado para os céus.

Ouve-se um ruído a princípio não muito claro, mas que aos poucos se vai definindo: são as crianças da Escola que passam, cantando alegres cantigas infantis. Correm no meio dos campos, cada vez mais longe, e o eco das suas vozes vai-se afastando também, até deixar de se ouvir.

Fica, então, tudo mergulhado num grande silêncio, mas é um silêncio activo, pois cada insecto, cada espécie animal, cada pessoa, trabalha agora nos seus afazeres, pois é um novo dia.

E todos os dias é mais novo dia, cada vez que chega a manhã à aldeia.

FIM

PAUSA PARA SORRIR

Um indivíduo queixa-se ao seu médico de que vê mal. Este encaminha-o para um oftalmologista.

Já no consultório do especialista, este, depois de proceder a um rigoroso exame, senta-o em frente a um quadro, onde estão carreiras de letras de vários tamanhos, põe-lhe uns óculos e diz:

— Veja se lê a carreira das letras mais pequenas.

— Não, não leio, Senhor Doutor — responde o homem.

O médico continua, até à carreira das letras maiores. Em vão. O homem continua a afirmar que não lê. Com muita paciência, o clínico vai experimentando novas lentes, sempre com o mesmo resultado, até que por fim, exclama:

— Como é que o senhor nos exames mostra uma miopia tão pequena, e nenhuma das lentes lhe permite ler uma letra, mesmo das maiores?

Calmamente, o cliente responde:

— É a pura verdade, Senhor Doutor! Eu não leio uma letra nem que seja do tamanho de uma casa porque sou analfabeto de nascença!...

★

Um homem muito avarento pede conselho a um amigo:

— Sabes, faz amanhã 25 anos que abri o meu estabelecimento. Queria que os jornais falassem e que os empregados se divertissem, mas não queria gastar dinheiro. Tens alguma ideia para o conseguir?

— Tenho — responde o amigo — enforca-te no teu gabinete. Os jornais falam, os teus empregados ficam radiantes e não gastas nem um tostão...

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

*Sento-me e penso.
Penso e reflecto
sobre a Vida
e interrogo-me:
O que é a Vida?
O que faço eu no Mundo?
Paraquê cuidá-la
E trabalhá-la tanto
Se vou acabar por morrer?*

*As respostas parecem-me estar longe,
Serem inatingíveis, inalcançáveis.
E todos se esforçam por sobreviver,
Sem saber para quê.
Talvez porque o Ser Humano gosta
da Vida.*

*Talvez goste porque não conhece
mais nada,*

Nem mesmo os mistérios desta.

*Quando o Homem sabe que não sabe
E não pode saber,
Sente-se frustrado.*

Por isso muitos não pensam.

Deixam-se guiar pelos sentimentos.

*Até chegarem à conclusão que também
não os compreendem.*

*A Vida é uma pergunta, uma dúvida,
uma curiosidade,
Uma estrela no Céu,
Alguém que amamos e não sabemos
porquê.*

A Vida é um momento.

MARTA (15 anos)

COMPANHEIRA

*A Saudade é para mim
A companheira
Da Tristeza que comigo
Quis morar.
De dia não se falam,
Só se olham.
À noite ficam sós
P'ra conversar.*

*No leito, onde o meu
Corpo não descansa
Juntam-se as duas
Chorando as suas
Mágoas.
A Tristeza, com lágrimas,
Fez um lago,
P'ra saudade se mirar
Nas suas águas...*

ANÓNIMO



Desenho de ISABEL M.

CARTAS AO DIRECTOR

Porto, 28 de Setembro de 1991
Ex.mo Sr. Dr. Armando Saraiva

Receba V. Ex.^a meus votos de saúde.

Li mais uma vez atentamente o jornal «O Novo Fanguero», e como de costume a rubrica «O perfil de hoje» merece a minha melhor atenção.

Compreendemos as dificuldades sentidas, dada a dimensão do «burgo» e apoiamos inteiramente o critério utilizado na escolha, que constitui uma prova de inteligência, que não está ao alcance de qualquer leitor. Gostei de ver focada a figura duma mulher poveira, que entrou na «vida» de Fão, quer queiram ou não, os seus amigos que não gostaram.

Lembro ao meu bom amigo que o Bom Jesus de Fão constituiu no passado, um dos santuários de romaria, de promessas e de dádivas, da comunidade poveira, que até fora esquecido por Santos Graça. Os seus nomes ficaram num dos livros pertencentes a esse santuário.

Só a ignorância de alguns, os levam a não compreender a nobre, justa e esclarecida missão de V. Ex.^a.

Depois das últimas sugestões apresentadas para dinamização do jornal, aproveito a oportunidade para referir mais algumas: (que poderão fazer a história da localidade, ao seu povo e das suas actividades).

Poderá ser uma monografia a «conta-gotas»!

Assim, sugiro que sejam evocados os imóveis mais importantes (religiosos e de interesse público); escolas e associações culturais e recreativas.

Para o efeito, seja solicitado aos órgãos responsáveis pelos mesmos, que forneçam os elementos históricos na sua posse (já publicados ou não).

Na impossibilidade de os obter desta forma, poderão ser investigados por algum dos «colaboradores permanentes». Em complemento, poderá ser publicada uma entrevista

com os responsáveis como aliás já foi apresentada, com a reportagem dedicada à Miscelânea.

Desta forma, é possível os leitores conhecerem o passado e o presente de Fão.

Com o referido tipo de material, seria possível a V. Ex.^a encontrar mais personagens para «O perfil de hoje», que dificilmente apareceriam ao investigador. O jornal deverá ser o eco do palpitar dessa terra, com a interdependência a que já nos habituou.

Certamente, será dos poucos que não aparece «vendido» a poderes tão suspeitos, como tantos outros neste país, estão presentes hoje, como em outras épocas do passado.

Não vai agradar «nem a gregos nem a troianos», vai continuar a ser vítima de incompreensões, mas é seguramente, o melhor «farol» que Fão pode ostentar. Já tenho visto de tudo em jornais e nos órgãos de comunicação social (em geral). Os maiores sofrem por vezes de ignorância e de interesses (ocultos ou não). O jornal não deve ser a voz da maioria, nem da minoria, mas sim da razão, da verdade e da fraternidade.

A ciência, a concórdia, os problemas terão o seu lugar em qualquer jornal.

Cuidados merecem temas como a religião e a política, em que o povo é enganado em qualquer parte e em qualquer época.

Cuidados, significam cautelas!

Peço desculpa pelo tempo tomado e espero que esta carta seja a mensagem de que precisa.

Com os meus cordiais cumprimentos,

Óscar Fanguero



N. D. — Esta carta e outras semelhantes que temos recebido, constituem o melhor alento para quem suporta as despesas, destemperos e injustiças por ser o Director de um jornal em terra pequena.

Óscar Fanguero, funcionário bancário por

obrigação e estudioso de temas relacionados com a costa marítima norte nas boras possíveis, não nasceu em Fão mas sabe que os seus ascendentes vieram da terra fanguera. E por isso, digamos que quase por dever, tem uma ternura especial pela terra que constituiu as suas raízes. E o nosso jornal beneficia por tabela.

Já temos recebido e inserido textos neste jornal da sua autoria.

Curiosamente contamos um dia destes os vários Fangueros existentes na lista telefónica da Póvoa e Vila do Conde: 54. Agora a este número juntem-lhe os outros que não têm telefone e terem um total deveras impressionante.

Estamos a pensar numa ideia própria de um nefelibata: e se a Junta, a propósito de qualquer coisa, convidasse os Fangueros todos que existem no País para uma reunião ou convívio?

A LAREIRA

RESTAURANTE TÍPICO
COZINHA REGIONAL
FADOS

RUA BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS, 5
TELEF. (053) 98 15 88 **FÃO**

ARRAIAL MINHOTO

A A.J.C.E. Associação dos Jovens Católicos de Esposende vai promover um arraial minhoto, para abertura da actividade do ano 91/92, a realizar no dia 26/10/91, pelas 20.30 horas, na quinta da Cooperativa Cultural de Fão.

Não perca esta oportunidade e venha divertir-se conosco.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A esta colecção «Dicionários Editores» acaba de ser acrescentada a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de profissionais de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade. Enriquelada não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de toda a vocabulário, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Realargão, 376-4101 PORTO CODEX
Livraria ARNADO, LDA. Rua do Jollo Machado, 9-11/Aper. 375/3007 COIMBRA CODEX
BMP L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

OS NOSSOS ENTREVISTADOS

Aníbal Soares é Presidente Director-geral da Sociedade proprietária do *Hotel do Pinhal* em Ofir/Fão, desde os princípios dos anos oitenta. A referida Sociedade gere directamente o Hotel, sendo desta forma o nosso entrevistado o seu principal responsável. Presidiu ao *Clube Futebol de Fão* durante dois anos, trazendo-o novamente para as primeiras regionais, ao ganhar o campeonato. Por diversas vezes colocou as instalações do Hotel ao dispor de instituições fangueiras para aí realizarem as suas festas. Lembro-me de um espectáculo de teatro, na Semana da Educação; da passagem de modelos nas últimas festas do Bom Jesus e várias «noites de fado» para angariar donativos. Para além do que foi Sousa Martins, *é o hoteleiro que mais vive Fão* e vai «investindo» algumas reservas económicas quer no futebol, quer no *Clube de Canoagem*, quer na *fonte luminosa*, quer nas festas da terra; diz que se mais não fez é porque não «querem», nem o deixam.

Muito recentemente foi eleito para a *Direcção do Clube Náutico de Ofir*.

Desde muito jovem se iniciou no turismo, particularmente na Indústria Hoteleira, com formação-base e pós-graduado na *Escola de Hotelaria de Lausanne e Cornell (U.S.A.)*. Após a indispensável prática também efectuada na Suíça, regressou em meados dos anos sessenta ao contacto mais directo com Ofir, para onde sempre se lembra de ter vindo com toda a sua família, na mesma vivenda, onde aliás agora reside.

Por todos estes factos, ao estar ligado a uma indústria que mais de perto nos interessa e que necessita, no nosso ponto de vista, de um forte abanão, tomámos a liberdade de o entrevistar.

N.F. — *Losa de Faria disse um dia que Ofir seria num futuro próximo o «Estoril do Norte». Está de acordo? Porquê?*

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o convite que me foi feito, o qual aceitei por entender que, neste caso, é muito mais difícil responder quando se «joga em casa», do que se estivesse a dirigir a uma audiência nacional, muito menos lido pelos que me interessam, do que o Novo Fangueiro, publicação local que muito me orgulho de ter sido «padrinho», se é que ainda se lembram.

Em segundo lugar, peço-lhe que entenda que quando eu me referir a *Ofir*, pretendo apenas encurtar o nome «Zona Turística de Ofir», o qual engloba obviamente todo o concelho, especialmente *Fão*, já que se não fosse pelo Turismo que se iniciou em Ofir mesmo e só, *Esposende* não teria a projecção que hoje tem.

MAS VAMOS À SUA PERGUNTA:

Defendo sempre e sou optimista em tudo quanto se refere a Ofir, contudo não estou de acordo quanto à comparação com o Estoril e muito menos «num futuro próximo».

E VOU DIZER PORQUÊ:

O *Estoril* foi e é conhecido internacionalmente pelo seu famoso *Casino*, pelas suas antigas cabeças coroadas, pela indústria hoteleira que veio em simultâneo, desenvolvendo-se extraordinariamente, pela sua estrutura de animação completíssima, da qual destaco o *Golfe*. E ainda e talvez sobretudo, por *Cascais* que é o Concelho (há quem

pense o inverso), deixando para o fim o facto de estar a 15 minutos de *Sintra* (outro lugar da nobreza, esse ainda com muito mais tradição e que é nosso) e sobretudo a idêntica distância de *Lisboa*.

TURISMO EM OFIR... PORQUÊ E PARA QUÊ?

Ofir poderia ser o Estoril do Norte, talvez só a imagem, mas isso já não era mau, pois ajudaria a desenvolver mais todo o Concelho em todas as suas actividades económicas, que vieram depois do Turismo, repetimos.

Há quem se esqueça, que *o que tirou os pobres de pedir esmola na rua foi o Turismo* e mais nada, pelo menos em Fão.

Que se faça agora um exame de consciência daquilo que o está a afastar.

Mas voltando à sua pergunta, verificará que Ofir não tem nada daquilo que referi serem características do Estoril e não as enumearei todas.

Depois, ao contrário de Ofir, o *Estoril* continua a desenvolver-se turisticamente, porque *não deixou cair as tradições* que referi, pelo contrário desenvolveu-as, sempre as considerando prioritárias.

Pelo que penso saber e lido, a nossa Zona deixou de considerar o Turismo como prioritário, entendendo que a *Indústria* é a mais importante e veja lá, até se fala na «riqueza que a agricultura e a pesca... podem trazer para a Região».

Só se for para manter o «folklore», com todo o devido respeito.

N.F. — *O que é preciso fazer-se e quem para reactivar a imagem de Ofir?*

FALTA DE DIÁLOGO

Quanto ao «quem» deverá reactivar eu respondo-lhe com outra pergunta: foi a galinha ou o ovo que nasceu primeiro?

As entidades oficiais, seja a que nível for, têm de dialogar com os que arriscam no Turismo e isso não é feito.

O que me parece, e agora não sou optimista, mas apenas com o realismo que a experiência me permite, começando já, talvez os meus netos venham a usufruir da tal «imagem» que pretende referir.

Acha que ainda vale a pena continuar com a entrevista?

Deixe-me só dizer-lhe:

GOLFE É QUE ERA BOM...

O *Golfe*, deixaram-no ir para o *Concelho da Póvoa de Varzim* e é privado, o que é muito diferente do que desde sempre se dizia que aconteceria. Pertence e muito bem a uma Organização com pelo menos 7 unidades hoteleiras e «por acaso», uma excelente em Ofir, com quem sempre colaborámos extraordinariamente bem, o mesmo acontecendo com o referido golfe. Apenas não está em Ofir.

Mas porque é que este desporto, que é toda uma «filosofia» sempre se jogou na Junqueira e depois se arranjaram entraves para o não quererem lá: nem uns 9 buracos? Hipóteses de o fazer noutro lugar, são mínimas ou impossíveis, por não rentáveis.



ANÍBAL SOARES

O JOGO?

Fez-se uma mini-experiência de *Bingo* (mas isto é «jogo»?) só para demonstrar o desnecessário («noblesse oblige»).

IGNORÂNCIA OU...

Entrando pela negativa, seria melhor perguntar: o que é que não se deveria ter feito em Ofir?

Olhe, por exemplo, será uma «frase feita», mas se não a refiro ainda dizem que sou cego: *as 3 famosas torres? As casas em cima da duna?* Eu até gostaria de ter uma, mas o meu «lado ecológico» não o permitiria. Só estes dois factores são suficientes para *a tal avenida marginal* que poderia ir, pelo menos, da Apúlia até à Restinga, tornou-se inviável.

Já reparou nas possibilidades que isso traria para o Turismo? Veja o pequeno exemplo que está a surgir no «caminho» que vai para a citada Apúlia, desde que se «constou» que as barracas do outro lado iam todas a baixo. Mas também não é com o que lá está a construir-se ou foi construído que se faz Turismo.

APPLE? SÓ «ASSOCIANDO-SE» À G.N.R.

E os «comboios»? E o campismo selvagem? E a praga dos piqueniques, em terrenos

(Continua na pág. 8)

(Continuado da pág. 7)

privados, que nada cá deixam, a não ser o terceiro demonstrativo da sua educação, para já não falar no «milagre» de ainda não ter havido um incêndio por eles provocado (inadvertidamente, é óbvio), que bem «tocadinho» por uma nortada, estaríamos agora a falar, não para os netos, mas bisnetos.

Logo, o que seria necessário fazer-se, não se fez.

O que deveria ter sido proibido não se proibiu.

O que se deveria fazer está a processar-se com pouca vontade e lentidão, sem auscultar minimamente aqueles que poderiam dar algumas opiniões válidas sobre turismo.

Eu quando preciso de um cozinheiro, não procuro um rececionista.

Mas como os «gestores» sabem tudo...

Uma palavra optimista: Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende — os meus parabéns pela sua criação — ou andam depressa ou já não resta nada para proteger.

N.F. — Há três slogans que fizeram da nossa zona o ex-libris: «Pinhal, mar e rio». Não lhe parece que estas três maravilhas não só não estão devidamente exploradas como se encontram entregues às feras?

Na pergunta anterior já praticamente respondi a estas questões.

Mas posso aprofundar o assunto:

Recomeçando como terminei há pouco, a APPLE, pode fazer muito por Ofir, se tiver «força» e ao mesmo tempo «compreensão».

Força para proibir.

Compreensão para permitir, já que nem tudo é proibido.

Seguindo o seu raciocínio:

PINHAL

À excepção das tais torres, que até não são no Pinhal, mas na praia, que é pior, sempre se construiu no Pinhal por tradição ou obrigação numa área entre dois a três mil metros por vivenda. É só passear-se pelos caminhos.

Logo, aqueles que decidiram pagar muito para fazer construção intensiva (uma forma legal de especular, como tantas outras), apostaram no «cavalo errado».

Deste modo, estou convencido não ser difícil continuar a tradição: construa-se como sempre foi feito: penso que ninguém irá contra isso. Mas «comboios» não.

Já agora, lembrem-se que para fazer uma vivenda num pinhal não é necessário primeiro «limpar» o terreno, para depois plantar umas coníferazinhas mais pequenas, importadas de outras bandas. Se tiverem medo dos alicerces, ect., etc., enfim todos os «malefícios» que os pinheiros trazem, perguntem-me que eu explico como evitar tudo isso. Fica um pouco mais caro, é verdade. Mas quem dá, ou vai ter de dar uns 50 mil contos só para o terreno de uma vivenda, para a ter no «Pinhal de Ofir», não estará muito preocupado com isso.

Façam depois um murinho à volta, por causa dos piqueniques e pronto: não há melhor receita para acabar com o lixo.

Entretanto só a autarquia, com a APPLE, poderá evitar a destruição contínua do Pinhal, o que aliás afugenta os verdadeiros turistas, especialmente estrangeiros que ainda nos visitam.

MAR... E PRAIA

Quanto ao mar, nada de mal a dizer — continua a trazer peixe (fiquemos no artesanal), algas e até parece que por vezes a tem-

peratura das águas se aproxima das do Algarve e por coincidência há dias que ainda tem sol ao mesmo tempo.

Se se referia à «praia»: bom isso é já outra história.

Se quer falar nos esporões, então é melhor chamar um técnico para responder, que diria o que já disseram a mim: começam a falar do porto de Viana, depois da barra do Cávado, depois das Torres e finalmente, ect., etc., etc. É que parece que um «esporão» trás outro e assim por aí fora... Mas tudo começou em Viana, quem os faz sabe da matéria e quem os paga são as finanças centrais, através da Direcção-Geral de Portos. Ou seja, não é nada connosco.

Quanto à limpeza da areia, nas praias concessionadas, depende dos banheiros, que até são bons; quanto às outras, é «terra de ninguém»: Uns sujam, os «outros» terão de limpar...

RIO + AREIAS = ESTUÁRIO, ETC E TAL

Se a indústria passou a ser a menina dos olhos dos nossos «responsáveis», e se não se escolhe os locais apropriados para a deixar proliferar (parques industriais, não é senhor «Ministro»...) e se não se obriga ao tratamento dos efluentes no momento da construção e ainda por cima se diz, e parcialmente é verdade, que a porcaria vem de outro Concelho, se tantas «importantes» razões são apontadas, não há nada mais a fazer do que aliás foi feito: saneamento básico onde é possível e Ofir nisto veio a ser beneficiado.

Ab! mas agora vêm as areias: a jusante da ponte é com uns, a montante é com outros: lá está a «fronteira» que talvez os ventos da C.E.E. também eliminem, para deixarmos de fazer figuras tristes mantendo uma legislação pacóvia e que nunca teve razão de existir. Falem com os pescadores ribeirinhos, que eles até se riem.

Mas parece que os areiros também vão acabar, pelo menos depois da ponte: já é alguma coisa.

PARABÉNS À JUNTA, MAS...

O Estuário do Rio Cávado, ou seja a Junqueira de Ofir, está a melhorar e muito: bastou a Junta (e a Câmara obviamente, mais a APPLE) impedir a entrada de veículos para além do limite razoável. E as motos? Um doce para quem acabar com elas no mesmo local.

ESPOSENDE E A «SUA» MARINA...

Sobre o Rio, existem importantes planos para desassoreamento da Barra, mas penso nada ter este assunto com a entrevista, para além de serem trabalhos de longa duração.

Sem isso a tal marina em Esposende não é possível (e outra pequenina para os nossos lados?).

Seriam contudo centros de animação turística importantíssimos.

E PARA FÃO, NÃO VAI NADA? TUDO!

Em conclusão, às três maravilhas de Ofir, Pinhal, Mar, Rio, deveria ser acrescentada uma — Fão.

Que não se exaltem os ânimos, que eu explico: já sabemos todos que Ofir também é Fão, mas se a polémica existe não é por causa do veraneante de Ofir, mas sim pelo «complexo» de não sei quê que os Fangueiros têm de Ofir.

E sem razão.

Só nos mapas modernos ditos turísticos é que só vem Ofir. Nos antigos, podemos ir ao séc. XVII, só vem Fão e Esposende, nem as outras freguesias lá estão.

FÃO, TAMBÉM É OFIR

Para além disso, se bem que com as tais torres de outrora e actuais «comboios» a correrem para este lado, dentro de algum tempo teremos de dizer o contrário: Fão também é Ofir, o que seria um valente disparate. E se não mantêm os tais dois a três mil metros por cada «fogo» na Área de Paisagem Protegida?

Enfim, de qualquer modo o Presidente da Junta até conhece o Pinhal de Ofir, portanto não há crise, por ora. E nunca ouvi ninguém reclamar que a freguesia passasse a ter a sua sede em Ofir; por ora também. Mas pelo sim, pelo não, não vá o diabo tecê-las, paremos com o «caminho de ferro» para estas bandas.

Mas estava a falar de Fão, como vila.

É uma maravilha, mas apenas só há pouco tempo o grande público deu por isso. Mas lá não há problema, porque os Fangueiros não são parvos.

O PIOR É O TRÂNSITO

Só gostaria de saber como irão fazer passar o grande trânsito provocado pelos «chicos espertos», que para fugir ao movimento se vão aproveitar do novo túnel e atravessar pelas ruas e quelhas da Vila. Vão deixá-los?

Bom, isto é muito mais seria para uma outra entrevista, lá para um «número especial» do Novo Fangueiro, se gostarem desta.

Portanto, as 3 maravilhas não estão obviamente exploradas (nem bem, nem mal), a quarta (Fão), penso que está quase a atingir o seu limite, que é bom (eu disse quase).

OS PREDADORES

Também já não estão entregues às feras, essas já comeram tudo o que tinham a comer; agora já só estão nas mãos de «peixe miúdo», que bastariam os fangueiros, se quisessem, para acabar com ele.

Eu poderei esclarecer melhor noutra ocasião, a quem se mostrar interessado. Até lá fique quem com esta:

Que Fão goste tanto de nós, como nós gostamos dele, já bastaria. Caso contrário, como cantava um já falecido poeta: «eles comem tudo, eles comem tudo e não deixam nada»... Alguns lembram-se (isto não tem nada de político, juro).

N.F. — Ainda acredita que Ofir tem particularidades turísticas e um futuro próspero ou não passará disto que hoje já é: turismo de «pé descalço» e piqueniqueiro?

É óbvio que acredito. Caso contrário, passaria tudo a patacos e emigrava para fazer a vida noutra lado, que o meu idealismo e saudosismo têm limites.

Particularidades turísticas tem efectivamente muito mais que o tal Estoril, mas isso não basta e não retro o que disse antes; particularidades turísticas é uma coisa, pesosos que queiram, outras que deixam transformá-las num futuro próspero é completamente diferente.

JÁ SÓ CÁ FALTAVA A POLÍTICA?

Ou a política nos arrasta a nós, ou nós arrastamos os políticos; sempre assim foi. Acontece que em Ofir é diferente: quem não está bem, em lugar de lutar, vai-se embora. A maior parte das pessoas nem são de cá. Até

há bem pouco, nem nascia gente por estes lados.

Lutar porquê e para quê?

Ofir é aquilo que Fão quisera que seja: o seu jardim, ou a sua esterqueira; há sempre um ponto intermédio, é óbvio; é nesse ponto em que Ofir tem vivido.

OS HOTELEIROS SÃO SEMPRE OS CULPADOS

Turismo de pé descalço não tem nada a ver com piqueniqueiros e vice-versa.

Pelos primeiros são, à primeira vista, responsáveis os que fazem o marketing dos hotéis desta zona. Porém é só à primeira vista.

Não é impunemente que a pouco e pouco ficaram os «donos» dos Hotéis a explorá-los directamente, como quase em todo o Norte. Nem é impunemente que não se fazem mais destes estabelecimentos, desde há décadas, nesta Região.

INFRAESTRUTURAS TURÍSTICAS ONDE ESTÃO? AINDA NÃO VEJO NADA

O marketing tem pois de ser feito, primeiro a nível das *infraestruturas complementares da hotelaria*, quando elas existam, o que não é o caso. Ora os hoteleiros, os empresários desta actividade (a menos que se trate de grandes grupos económicos), não têm que, nem podem, substituir-se aos poderes centrais e estes também não podem acudir a tudo, porque até somos um país «pobre».

Logo, dirigem os seus parcos meios para *socorrer os do sul*, onde por excesso de crescimento, atingiram, se bem que mal, o gigantismo, graças à moda (que está a passar), dos três «esses» (Sun, Sand, Sex), caso contrário lá se ia o bom nome do país, pois lá ainda é pior: *o contraste do pé descalço, com o luxo não liga muito bem.*

Portanto; pé descalço, ainda por mais uns tempos, diria 5 anos; piqueniqueiros é só enquanto a Junta, os proprietários dos terrenos e APPLE quiserem.

N.F. — No nosso ponto de vista, a qualidade e quantidade de estrangeiros está a diminuir. O que se passa?

TURISTAS PORTUGUESES É QUE ERA BOM

Eu diria o contrário: o que está a diminuir é a quantidade de portugueses, referindo-me obviamente ao turista, na sua imagem de frequentador de hotéis, restaurantes, etc.

Mais ainda no respeitante à *qualidade*.

Eu esclareço melhor:

Se é um facto que a *percentagem de ocupação na hotelaria tem tendência para subir* se bem que muito gradualmente, é graças aos estrangeiros, mesmo alguns de «quase» pé descalço.

Se é um facto que os portugueses de «qualidade» vêm cada vez menos é precisamente a consequência do primeiro fenómeno.

BANDEIRA NEGRA = PINHAL DE OFIR

Os estrangeiros de «qualidade» têm muito por onde escolher e detestam a falta de higiene. Se a «bandeira azul» de Ofir se alargasse à zona imediatamente contígua, desde há muito que já tinha mudado de cor.

Não preciso de provas.

Passelem-se os Fangueiros pela Junqueira; vão pelos caminhos do Pinhal até à Restinga; levem convosco os proprietários das «lojas» da Vila para confirmar que não foram

lá buscar nada e depois dar-me-ão razão.

Se Fão está limpo, porque não o estará Ofir?

Mas é em Ofir que o Turismo de «qualidade» reside, dorme, come às vezes e passeia quase sempre.

Ajudem-nos a não poluir o que resta do vosso «pulmão».

POLUIÇÃO NÃO É SÓ ESTERCO

E o barulho das motos a altas horas da noite? E os guinchos dos «putos»?

E a *velocidade* de todos os veículos pela chamada Av. da Praia? Por «excesso de zelo» fizeram umas «lombas» que só serviram para risota. Por teimosia, não querem reconhecer que umas parecidas, *mas a toda a largura da estrada*, acabariam com o perigo que eles constituem. Já se esqueceram que *para acabar com as «areias»* do nosso lado foi «preciso» o sacrifício de um Filho de Fão, mais um «turista». Aí, foi um ver-se-te-avias em acabar com os poços de várias dezenas de metros, em vez de fazerem o «tal canal» para os pescadores. E agora, *o que será preciso para refrear os «corredores de meia-tigela»?*

SOLUÇÃO: POSTO DA G.N.R.

Já o barulho dos «meninos bêbados» com cerveja, laranja ou um simples gelado, armando-se à homens, quando ainda mijam nos cueiros, acabava-se com um par de bofetadas, se a G.N.R. não tivesse mais que fazer, senão policiar a dita Avenida.

Cada vez são mais precisos *elementos da Guarda* e comparando com anos atrás, o número de efectivos vem diminuindo. *Cumprem a sua missão exemplarmente, mas não chegam nem para as encomendas.*

ALGARVE, MAS NÃO SÓ

Contudo, a principal razão por que esta Zona Turística não tenha tido um desenvolvimento proporcional ao acréscimo de turistas nestes últimos 30 anos, tem sobretudo a ver com o *nascimento de outras Regiões Turísticas*, como anteriormente já abordei o assunto.

À cabeça destas zonas vem, no nosso próprio país, o *Algarve*, apesar de todos os disparates que deixaram fazer. Tornou-se um negócio muito *mais imobiliário do que turístico*, mas isso não interessa. O importante é que o mesmo não aconteça aqui.

Que me perdoem os construtores e arquitectos, com quem nada tenho contra; mas há tantos lugares para ganharem dinheiro, ora não insistam mais na «têcla»; *aqui tem de ser pouco, mas bom.*

Como dizia, depois, já aqui nos arredores, temos a *Póvoa, Viana e até Braga*; sobretudo a primeira, que se tem desenvolvido enormemente, criando infraestruturas condignas. Poder-se-ia até dizer que são complementares, mas ainda não o são. No futuro irá ser óptimo: quando houver turistas em quantidade; actualmente somos ainda concorrentes.

A seguir, agora no estrangeiro, havia os «países novos» para o Turismo, que infelizmente os da Europa, entraram em crise política desastrosa. Mas eles voltarão e não tardará muito.

Para mais longe, *até outros continentes*, vão também turistas que antes demandavam as nossas paragens. Chega até a ser mais barato e muito mais exótico.

E a *Espanha*, onde ninguém exige a qualidade, que aliás também não paga, mas existe uma animação, que Ofir nunca teve.

ACTUALMENTE, RESTA-NOS POIS:

Turismo de 3.ª idade: exige tranquilidade.

Turismo de luxo: para além desta, quer ainda animação, mas da boa.

Turismo de pé descalço: não gasta, discute e quer receber o que nunca pagou — é o que nós vamos tendo, se bem que, como já referi, com tendência a diminuir, substituindo-se por aqueles que ainda gostam do convívio afável do povo Norteno: estejamos nós prontos a recebê-los.

N.F. — O senhor é proprietário para além do hotel, de uma vasta área de pinhal conbecida por Restinga. Essa área está morta em vários aspectos: o Pinhal, a destruição das dunas e dos fenos. Como pensa reanimar essa área? Que futuro?

SEM SÓCIOS É MAIS FÁCIL?

Não sou exactamente proprietário da Restinga. A minha posição lá é idêntica à do Hotel do Pinhal/Mitur. Com efeito estou numa situação em que *posso fazer em ambos aquilo que me apetece*, sem quaisquer reuniões da administração, etc., dentro dos limites legais, como é óbvio.

MAS QUE INVEJA; AGORA ATÉ É LATIFUNDIÁRIO...

Faz a coincidência que a situação geográfica das duas áreas me deveria permitir *controlar o princípio e o fim de Ofir*, já reparou, para além de serem os maiores espaços juntos que existem no local, pois *totalizam uns 150.000 m² aproximadamente*. Estão ainda, apesar disso, somente à distância de 1.500 metros um do outro; assim se vê como Ofir é pequeno.

De facto, a razão principal que me levou a «ficar» com a Restinga, foi a *complementação turística* que esse espaço poderia dar ao *Hotel do Pinhal*, para além de dispor das melhores praias do Concelho, de se poderem fazer desportos náuticos todo o dia e ainda pela pitoresca memória que retenho da infância, quando para lá ia com os *Sargaceiros da Apúlia* apanhar as algas que depois lá ficavam a secar.

Tudo isto são razões de sobra para aceitar a proposta dos anteriores proprietários já grandes amigos de meus avós. Foi um pouco como se ninguém vendesse nada a ninguém, passou de uma mão amiga para outra que não o é menos.

Acrescento ainda que um dos motivos fortes que me fez realizar o negócio, foi para impedir que outros com vocações diferentes o dividissem em lotes ou se voltasse um dia ao tempo das «torres» ou mudassem para lá o *Términus dos «comboios» da Região*.

Portanto, através destas informações, já pode ver que *não foram razões do foro especulativo* que me levaram a decidir ficar com o controlo da Restinga, ou melhor da *Sociedade Turística da Restinga de Ofir, L.da.*

Para mim é simplesmente a «*Quinta da Restinga*»: há só que ver o que se pode «cultivar» e fazê-lo.

TUDO; LINHA MAGINOT É QUE NÃO

Aceitarei tudo, menos uma coisa: que a «*linha Maginot*», de construção no Pinhal seja afixada na fronteira com os meus vizinhos. Mas penso que ninguém se sujeitaria a uma injustiça ou imbecilidade dessas, até pelo escândalo que isso causaria.

(Continuado da pág. 9)

A primeira coisa a fazer é acabar com a praga dos piqueniqueiros, conforme se fez na Junqueira de Ofir. Tarefa não muito difícil, pois basta por uma forma adequada lhes tapar metade do acesso para lá, visto que a outra metade já o fez um dos meus vizinhos.

Como essa gente é por natureza preguiçosa, não iriam com os farnéis a pé até lá e o problema estaria resolvido.

Se o chamado «povo de fora» tem o direito de fazer ou não piqueniques, estou que sim, mas não em casa alheia, que eu também não invado os seus quintais ou jardins, sem que para isso seja convidado.

Para a Restinga não há convite desse tipo, portanto seria bom que a autarquia aranjasse uma zona própria para esse «Turismo», fácil de limpar, sem árvores e de «preferência» fora da Paisagem Protegida.

Em seguida haveria que «policiar» devidamente as praias, para impedir que os jeeps, agora em moda, fossem treinar para lá. Só entrar na praia já é proibido, quanto mais tentar «vencer» uma duna, não à custa da força do motor, mas sim deitando-a abaixo, ficando obviamente depois lá enterrado. Mas como se habituaram que por uma quantia módica os bombeiros até os lá vão buscar em qualquer momento, a brincadeira até poderia ter graça e as meninas devem adorar.

REFLORESTAÇÃO — SOLUÇÃO = APPLE

O grande passo a levar a efeito é a reflorestação após uma limpeza dos terrenos, que deveriam envergonhar aqueles que ficam impávidos. Já tentei levar para lá um comício (estamos na época) para ver se com a presença da televisão limpariam tudo antes, mas o partido em causa ficou enojado com tanta porcaria e recusou.

Estou sinceramente convencido que para tudo isto, que penso ser o proprietário na Restinga, terei um grande apoio dos responsáveis da Área de Paisagem Protegida, que ficaram duplamente impressionados quando recentemente visitaram uma vez mais esse espaço.

Primeiro, porque a sua beleza e potencialidades merecem ser preservadas, segundo porque é fácil conciliar o Turismo, com a natureza se houver por parte de todos os interessados o bom senso de não matar a galinha dos ovos de ouro.

Detalhadamente não estou habilitado para lhe dizer mais sobre a Restinga e mesmo que estivesse talvez não lho dissesse. Aprendi que, especialmente nesta Zona Turística, eu sou o tal que dá as ideias para outros se aproveitarem delas. Deste modo, aquilo que for sugerido ou permitido fazer lá e que obviamente não será antiturismo, fã-lo-ei primeiro e convidá-los-ei depois para ir ver.

HÁ LUGAR PARA (QUASE) TODOS

Apenas mais um esclarecimento: repito que os Sargaceiros da Apúlia, os pescadores desportivos, a pé, e obviamente as entidades oficiais são os meus únicos convidados. Todos os outros serão considerados intrusos, tendo assim o tratamento que eles me dariam se eu lhes invadisse as casas.

Depois de tudo «bonitinho», para além destes, terei concerteza outros convites a fazer.

N.F. — Nos últimos anos Esposende/se-de cresceu no seu tecido urbano; aumentou de uma forma quase assustadora o número de veraneantes; no entanto, Ofir/Fão onde

nasceu o turismo concelhio, símbolo que percorreu as grandes capitais exportadoras de turistas, está igual senão pior aos anos setenta. No seu ponto de vista a que se deve esta falta de crescimento?

AGORA É QUE VEM MESMO A POLÍTICA

Em política é mesmo assim.

E política de turismo pelos vistos é igual. Não esqueçamos que Esposende (capital concelhia), tem 15 freguesias, algumas como Fão, «demasiado» grandes, populosas e que sabem o que querem (ou não?). Pelo menos já ouvi falar que poderiam perfeitamente viver sem Esposende e até já teriam sede para um Concelho se fosse preciso.

Sabe-se também, que os Fanguetros «constroem» e «destroem» presidentes.

E porquê?

Também porque são muito «baladados» a nível nacional, porque têm Ofir reconhecido internacionalmente.

Por alguma razão é que se vai buscar o nome de um «local» de uma freguesia para à «boleia», juntar-lhe o nome do Concelho e passar a chamar-se Zona Turística de Ofir/Esposende. Para quê acrescentar Esposende à frase? Porque não, já agora, pendurar-lhe «Alto Minho», «Costa Verde», etc., etc..

Nomes curtos, meus senhores, nomes curtos, foi assim que me ensinaram na escola. Nós até não nos importamos, já o dizia nas «reuniões de outora», que não cobrávamos imposto por usarem o nosso nome. Quer dizer, fica só: Zona Turística de Ofir e metem depois na mesma panela, ou seja folheto turístico, o concelho inteiro.

O que terá de mal ou errado esta proposta? Nunca foi aceite pelas razões inicialmente apontadas.

SOPETE: SE GOSTASSES DE NÓS, COMO EU DE TI?

Eu cá até nem me importava de fazer uma «vaquinha», mas só «vaquinha», nada de confusões, com a Sopete e vir incluído nas promoções, que obviamente têm mais possibilidades de fazer do que eu: poupavam-me tempo, trabalho e dinheiro. E acabaria certamente por receber mais turistas. Isto é o que se chama um «namoro» às claras, mas a noiva está difícil. Já agora, tenho que aproveitar a entrevista, poderá ser que não me queiram fazer mais nenhuma.

Voltando à sua pergunta e depois destes desabafos, já com o «peito mais lavado», aqui vai:

ONDE É QUE VÊ O TURISMO A CRESCER EM ESPOSENDE?

De lá berdamos os combotos. A destruição maciça dos pinheiros creio que já não vai a tempo, por causa da «Paisagem Protegida».

Tirando a maravilhosa metamorfose do Suave Mar, a piscina coberta do Néltia (que não se vê, mas é ótima), a pequena Acrópole, e a transformação da Estalagem em Restaurante com quartos por cima (com o devido respeito e apreço por todos os colegas mais 2 ou 3 restaurantes com R, que mais foi feito: obras pela Direcção-Geral de Portos, uns sentidos proibidos também faz parte do «status» (só faltam os semáforos).

A feira lá continua a acordar-me os hóspedes ao anunciar, cada vez um mais alto do que o outro, cuecas ou artigos congêneres a preços «interessantíssimos». Não sei onde se fabrica tanta coisa daquela; os vendedores vêm de fora; chateiam as repartições públi-

cas, o notário fica impróprio para consumo local nesses dias, não se pode estacionar um carro, a não ser nos lugares reservados da Câmara e beber um copo no Barrote, que passou a ser o meu lugar preferido, tal como o Chimarrão: são típicos.

O RESTO SÃO APARTAMENTOS: ISSO É IMOBILIÁRIO, NÃO É TURISMO

Eu só fui convidado para dar uma entrevista sobre aquilo que me prezo de saber e não tenho medo de discutir seja com quem for. Se calhar é por isso que «eles» não querem falar comigo, mas isso não vem para aqui chamado...

HOTELARIA PARALELA É QUE SIM

Acha que têm muitos turistas?

Onte estão os quartos para os meter? Só se for na chamada «hoteleria paralela» (as tais casinhas...); se pagarem os impostos na lei, manda quem pode. E serão esses que fazem uma Zona Turística? Ou será que a desfazem?

Tirando as «estufas» que agora proliferam por tudo quanto é sítio (vamos ver o tempo que duram), para se falar em agricultura e o alargamento da barra, tão esperado pelos pescadores, fica a Solidal e o seu alargamento: pelo menos não polui (refiro-me ao Cávado) e já que está cotada na Bolsa, só por isso tem obrigação de o fazer e consegue-o bem. Pena foi que logo ao princípio não fosse edificada um pouquinho mais para o interior: terreno mais barato não sei, mas que destoa no casario que a rodeia, não é preciso gritar «que o rei vai nú».

É MELHOR FALAR DE OFIR

Já o disse anteriormente porque não cresceu, o que não nos serve como desculpa, o facto dos que nos rodeiam também não se terem desenvolvido turisticamente.

ANÍBAL, O TERRÍVEL? NÃO, ESSE ERA O IVAN

Esta entrevista terá de ser lida de um só fôlego, para quem tem peito, paciência, ou apenas curiosidade de saber porque ao entrevistado lhe aplicam a característica de ser polémico. Eu não sou propriamente polémico, mas não fujo à luta porque não tenho telhados de vidro, nem aspirações para além de manter o prestígio que já herdei do meu avô e padrinho, passando por meu pai, infelizmente desaparecido deste mundo cedo demais.

Gostaria sobretudo que me deixassem trabalhar, que me telefonassem, o mínimo, que me visitassem com hora marcada e que se lembrassem, que apesar de uma empresa pequena (são só 100 quartos com 40.000 m² de terreno de pasto) ainda posso ter colaboradores que resolvem 99% dos assuntos do dia a dia. Quanto aos outros (problemas), eu é que tomo normalmente as iniciativas.

O.K.?

Muito obrigado.

EM CONCLUSÃO

Ter-me-á de fazer uma visita guiada a esposende para ver o desenvolvimento assustador a que se refere.

N.F. — Se a Presidência do turismo concelhio lhe fosse entregue, a curto, médio e longo prazo o que faria para reanimar Ofir/Fão da morte iminente?

«NÃO», SENHOR MINISTRO

Esta resposta só poderá ser entendida a título de «exercício académico», já que postos oficiais muito mais importantes do que a «Presidência» do Turismo Concelhio me foram oferecidos e eu recusei.

Primeiro, porque nunca fui político, nem pretendo vir a sê-lo. Logo seria impossível aceitar tais cargos, porque teria de dizer sempre «sim, Sr. Ministro», o que não é o meu estilo: basta ler os inúmeros escritos de palestras, que por vezes me convidam para fazer e concluir das críticas que abertamente faço à maneira como está estruturado o nosso Sector Turístico e à forma como o respectivo poder é depois exercido, para concluir da impossibilidade total de aceitar tal hipótese.

Em segundo lugar, porque o nosso *Concelho* ao afirmar ter prioridades que nada têm a ver com o Turismo e que por isso poderão até ser contrárias ao seu desenvolvimento, não pensariam concerteza em mim, para tal posto.

Enfim, não quero, no entanto, deixar de satisfazer a sua «curiosidade» e se aceitasse o «impossível», remeto para as linhas anteriores, onde aqui e ali já faço inúmeros comentários, uns maus, outros melhores, sobre o Turismo em geral e o de Ofir em particular, de onde se pode inferir, daquilo que eu faria se «mandasse».

Falando pois na generalidade:

A CURTO PRAZO

(o que para mim significaria «já»):

— Tornar-me-ia mais livre do que sou agora, começando por pedir que me libertassem de todos os cargos associativos, que actualmente tenho.

— *Formaria uma sociedade para gerir o Hotel Pinhal*; arranjaría pois quem o dirigisse, por forma a que o mesmo não me tomasse tempo, nem me ocupasse o espírito.

Para além do «tempo» acupado, nunca gostei de muitos «tachos» em simultâneo.

— *Rodear-me-ia de técnicos competentes*, que falassem a mesma linguagem que eu, aos quais distribuiria poderes e pediria contas.

— *Reunir-me-ia com os empresários* de todo o fenómeno turístico desta Zona e aprenderíamos todos com eles o que seria ou não prioritário para desenvolver o Turismo.

— *Faria um plano de acção* com base nessas reuniões, fazendo-o enquadrar-se no orçamento que tivesse sido posto à minha disposição.

POR FAVOR NÃO ME BATAM...

— Abriria convenientemente o *Posto de Turismo de Ofir* e acabava de uma vez com esta infantil «guerra» de nomes, placas informativas, etc..

— *Trataria de fazer com que se limpassem rapidamente as lixeiras da Zona.*

— *Faria com que se cumprissem as «normas de trânsito»*, previstas na legislação, quer no respeitante à *velocidade*, quer ao *ruído*.

ATÉ OS MEUS «INIMIGOS» VÃO BATER PALMAS

— Mandaria arranjar os *caminhos do Pinhal*, que mais parecem um circuito para jeeps.

— Tentaria resolver a contento de todos o problema das «*lombas de ruído*» (não quebra molas) da Avenida da Praia.

— Faria com que a *Junta de Fão* se convencesse que, se nomes de grandes praças citadinas, pontes e aeroportos são mudados, porque manter a *Avenida da Praia* com uma denominação de uma pessoa que ninguém conhece, e que no fim até muda ainda de nome, ambos nada dizendo aos nossos jovens, quanto mais aos turistas. Haveria por certo menos correspondência perdida.

MERCADO «VERSUS» CENTRO DE CONGRESSOS

— Poria em funcionamento, no mais curto prazo possível o «*Centro de Congressos*», que já esteve para ser mercado (é parecido, não é?), assegurando que o mesmo tivesse pelo menos onde sentar ao mesmo tempo mil pessoas, mais as salas e dependências anexas, sem o qual de nada servirá, visto que a ser mais pequeno, os dois *botéis* já existentes em *Ofir* resolvem o assunto, não gastando *dinheiro nenhum*.

Pô-lo-ia em seguida ao serviço das unidades hoteleiras concelhias ou não, aos agentes de viagens, operadores turísticos, sobretudo às Empresas, sob a orientação directa de um *especialista de congressos* e não sob as ordens de mais um «gestor», sem qualquer vocação.

PODERIAM ESTAR FEITAS HÁ LONGO TEMPO...

— Trataria de aumentar o número de *campos de ténis*, o mais próximo dos hotéis possível, já que o projecto do *Golfe* nesta Zona é utópico.

SÓ PARA ALGUNS...

— Faria uma «aproximação» ao *Golfe da Estrela*, no sentido de haver uma melhor colaboração, sobretudo mais estável com as unidades hoteleiras em geral, sem esquecer que tratando-se de um programa incluído num contexto global de compromissos assumidos com o Governo, nunca por isso deixaria de ser um *empreendimento particular*.

E O TÚNEL...

— *Rezaria* para que, antes de mim, ninguém tivesse programado a «*obra do túnel*», sem perfeitamente ter definido o seu princípio, meio e fim. Sobretudo, qual o objectivo para que não se dissesse por aí que foi mais um projecto de fachada, que talvez até nem seja.

ATÉ OS BOMBEIROS? PORQUE NÃO...

— Pediria aos nossos *Soldados da Paz* e subsidiá-los-ia, se necessário, para encontrarem uma fórmula sonoramente menos poluente, do que a utilizada quando saem em serviço extra incêndio.

Lá por em Lisboa ainda fazerem mais barulho (refiro-me às ambulâncias), não significa que andemos ao desafio para ver quem tem a corneta maior.

Por outro lado, todos sabemos quantas vidas têm sido salvas por estes bravos homens, mas daí a considerá-los de «pessoal para todo o serviço» irá uma grande distância.

Eles lá vão, mas não será um abuso?

Apagar fogos?

Lógico.

Mas não só:

— desenterrarem carros que se aventuram de mais na praia;

— pescam outros, que preferem o Rio;

— são chamados para todo e qual-

quer acidente... não apenas os de viação;

— levam doentes aos hospitais (não seriam estes que os deveriam ir buscar?);

— correm com as parturientes para a maternidade (deixou de haver taxis na vila?);

— agora como é? Toda a gente sabe que, pelo menos dantes, iam buscar gatinhos às árvores e cãesinhos aos poços;

E os fogos, e os fogos?

— a continuar assim, acho que vão ter de abrir «sucursais», logo modernizando-se, logo fazer menos barulho, porque «roncas» já nos chega a de Esposende.

Não há turista que aguento ser acordado várias vezes por noite, especialmente no Verão (época alta).

Aproveito o ensejo para agradecer, uma vez mais e publicamente com toda a sinceridade, o esforço imediato e eficaz e depois o carinho demonstrado aquando da rápida extinção do fogo que deflagrou no Hotel do Pinhal, sem o que não estaria talvez agora a falar convosco.

Estes agradecimentos são obviamente extensivos aos *Bombeiros Voluntários de Esposende*, que tão bem se integram na defesa conjunta e simultânea com os de Fão.

E AS OBRAS?

— Sem pretender ser exaustivo, planeava as obras que, durante a construção prejudicam o turismo, para a «época baixa» e não quando a alta já vai a caminho — exemplo: o túnel. Essa das marés, custa a engolir.

MÉDIO PRAZO:

Tentaria fazer chegar a minha voz (uma vez mais, aliás), para que houvesse uma «hierarquia» bem definida onde se podessem obter os efeitos de sinergia em todas as *Instituições Promotoras do Turismo Norteno* (porque estamos apenas a falar do Norte).

Situações que frisam o ridículo, como a «*Zona de Turismo de Barcelos*», que após a «guerra do alecrim e da mangerona», passaram-se para o *Alto Minho*, com o sorriso mordaz, mas sabedor do Dr. Sampaio, pensando talvez: «deixa-os pousar» (um dia conto-lhes esta anedota).

— Definiria concretamente o que é a *Costa Verde*, que para além do nome não é mais coisa alguma e tentaria chegar-me ao «*Douro Navegável*», engolisse os «sapos» que fossem precisos pelo caminho.

— Faria com que em todas as *Fetras Turísticas* e manifestações congêneres no país e no estrangeiro, «alguém» representasse pessoalmente a *Zona Turística de Ofir*, sempre integrada em recinto onde estivesse a *Grande Região Turística Nortenha*.

Já ninguém vem expressamente para Ofir, mas sim para a Zona em que talvez com habilidade a nossa sub-região fosse *verdadeiramente «O» Polo Turístico*.

— Daria prioridade a todos os projectos que não colidissem com a *Natureza*, nem com o meio ambiente em geral (incluindo o «Turista», obviamente), aproveitando o *vento* em lugar de o marginalizar e a *água salgada* em lugar de a evitar.

— Tentaria fazer convergir o *Turista Português de Qualidade*, em detrimento do seu oposto

— *Idem* em relação à *Galiza* e *Espanha* em geral.

PORQUE NÃO

Por contraste, encontraria um local para

(Continuado da pág. 11)

o estabelecimento de um *Campismo de Luxo*, já que este não colide com um Turismo de nível.

SAZONALIDADE

— Faria da Zona de Turismo de Ofir um destino privilegiado de *Congressos e Seminários*, que permitisse acabar com a *sazonalidade*, com todos os problemas que ela tem, quer para os empresários, quer para os seus colaboradores em geral.

O TÃO ESPERADO PARQUE

— Sugeriria um local, onde existisse a aptidão para a instalação de um *Parque Industrial*, de maneira a que não proliferassem mais ao longo das vias de comunicação por onde passam os turistas, fábricas, normalmente de arquitectura duvidosa.

O «HOTEL» NÃO É TUDO

— Divulgaria e incentivaria o desenvolvimento de pequenas unidades de «*Turismo no Espaço Rural*», e *Estalagens*, por forma a compensar a inviabilidade económica da construção de mais um «*Grande Hotel*» (com todas as suas dependências).

Estes são como as «obras» do *Medina*: quem as tiver que as guarde.

DEPOIS DE MIM...

Não esperaria pela construção da *variante da auto-estrada* que irá para Viana, para ver e agir depois.

Pediria um estudo a quem tivesse competência, que me levasse a concluir a forma de *escoar o tráfego de fimde semana*, do «chamado» Caminho das Rodas, que será necessariamente uma alternativa à Avenida da Praia. Onde estarão as verdadeiras saídas quer deste, quer do túnel?

Queiram-me escusar a possível ignorância, mas ultimamente não tem sido fácil dialogar com os *autarcas* por falta de tempo ou oportunidade dos mesmos, o que até certo ponto é compreensível...

A FAMIGERADA «FÁBRICA»

— Aceleraria o processo, desde há anos em gaveta, para que a *entrada em Ofir* (Avenida da Praia) não tivesse o deplorável aspecto que tem há décadas.

FORÇA É QUE É PRECISO

— Estabeleceria contacto com as diversas entidades competentes e responsáveis, por forma a que esta Zona Turística fosse considerada de *Alta Segurança*, provendo-a com os elementos da *força da ordem*, que evitariam por «*dissuasão discreta*» o desenvolvimento do vandalismo e do crime.

TALVEZ NA ESCADINHA

— Arranjaria um local onde fossem *formados quadros médicos e pessoal de base* para a *botelaria*, por forma a que o nível de serviços nos Hotéis se mantivesse e até aumentasse.

ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO

— Faria com que, ao deixar o lugar *vazio*, *bouvesse o mínimo de Longo Prazo* pa-

ra fazer, porque seria indício de que aquilo que teria sido feito, não o fora tão mal como isso.

LONGO PRAZO:

— Um *Médio Prazo* bem estruturado, em termos de Turismo, não permite falar de Longo Prazo, já que este se vai modificando constantemente, ao sabor das correntes políticas internacionais e ao *movimento e gosto dos povos*, os quais são do âmbito do *Médio Prazo* e por vezes até do *Curto*.

Para além disso, a minha personalidade em termos de trabalho não se coaduna com o chamado longo Prazo.

O que é o Longo Prazo: 10 anos?

Mas isso já é no século XXI!

Deixemos para os *futurólogos* o trabalho de se m... («bip») com o *Longo Prazo Turístico*.

NOTA: Dentro de cada «Prazo», a ordem dos factores é arbitrária, ou seja: poderíamos começar a ler pelo meio, fim ou princípio, já que as «recomendações» que faço não têm necessariamente a sequência apresentada.

E PARA TERMINAR...

Visto que lhe competiu a si fazer a *introdução da entrevista*, gostaria de ser eu a terminá-la, se tal me for permitido.

Ganharei com isso de, pelo facto de aqueles que só lêem o princípio e o fim dos escritos, ficarem a saber um pouco mais de mim.

Dirijo-me contudo, dado o seu optimismo, à «*maioria*» (?), que leu tudo.

Aqueles que me conhecem pior, terão a ideia de que talvez eu tivesse levado tudo isto para a brincadeira e criticarão quem deu eco às ideias, que provavelmente alguns até nem perceberam.

O estado de espírito com que me encontro já desde algum tempo, sobretudo a partir do meu regresso a Ofir, corresponde ao facto de haver pessoas e entidades particulares, outras menos particulares, para não dizer officiosas e até officiais, que *brincam no seu dia a dia de trabalho com o trabalho dos outros*.

Portanto, a *minha única forma «silenciosa» de lhes demonstrar que estou atento, é levar um pouco a vida a sorrir, reflectindo nas minhas palavras esse mesmo estado de espírito que se tornou o exterior da minha personalidade*.

Fiquem pois todos convictos de que aquilo que leram não foi brincadeira; *aliás é muito mais difícil dizer as coisas sérias a brincar*. acontece que, comigo, isso não provoca qualquer esforço.

Uma coisa é certa, eu é que fiquei com a impressão de ter dito sobre Turismo muito menos do que seria necessário.

Mas isto era apenas uma entrevista circunscrita à Zona Turística de Ofir e não uma «aula» sobre Turismo?

Pois era!

Então até falei demais...

NOITE DE VERÃO NO HOTEL OFIR

Mais uma noite bem passada no Hotel Ofir, desta vez no restaurante do Hotel. Um serviço impecável com pessoal atento, sabedor e cordial. Mais uma vez o grupo «Cantares do Minho» alegrou o ambiente. Não haja dúvidas que se trata de um conjunto de bom nível: vozes bem tratadas em pessoas de boa figura, cuidadosos nos seus trajes, multifacetados — tanto tocam bombos como cavaquinhos — trilingue o seu apresentador, e sempre bem dispostos e entusiasmados todos os seus elementos.

Vibram e fazem vibrar o ambiente. E todo o mundo vai dançar. E todo o mundo sai satisfeito e isso é que é importante. Não temos o clima do Algarve. Não haja peneiras. Há que preencher os tempos. Há que ter muita imaginação para tal. É esse o desafio que se põe aos hoteleiros locais.

Mais uma vez gratos pelo convite.

DOS MOTIVOS QUE LEVAM AS PESSOAS POR ESTE OU AQUELE CAMINHO... OU A EXCELÊNCIA DE QUATRO HOMENS BONS

Por AGONIA PEREIRA

Não é fácil determinar mas tentarei... Em Portugal podemos aceitar politicamente a existência de uma *Esquerda*, de um *Centro* e de uma *Direita*. Em qualquer um destes quadrantes, existem, antes de mais, boas e más pessoas.

Estou convencido que só aqueles que querem arranjar dinheiro de qualquer modo, para quem a humanidade ou seja, o bem estar dos seus semelhantes nada lhes diz, se aproveitam da da política para atingir os seus fins egoístas. Estes são os maus. Os outros, aqueles que acima de tudo anseiam pelo bem e sobretudo um certo equilíbrio entre os diferentes extractos sociais, são os bons.

É verdade que seguem caminhos, métodos diferentes. E porquê? Influência familiar, quando ainda miúdos, bem ou mal estar em termos económicos na infância e ao longo da vida, e também a influência dos Professores, Padres, Catequistas e demais formas de convívios que constituem factores de educação e de diversidade no modo como se situam na vida.

Podia explicar os motivos que me levaram a defender, de alma e coração, a esquerda. Levarei muito tempo, o que tornaria este texto demasiado longo.

Entendo preferível falar de quatro homens que estiveram à frente dos destinos do concelho, pois qualquer deles bem merece que os esposendenses os tirem do poço do esquecimento fechado com a pedra da ingratidão.

Os quatro tiveram um predicado comum: se entraram pobres ou remediados na Presidência da Câmara, pobres ou remediados dela saíram. Não tiveram por objectivo encher as suas algibeiras.

(Continua na pág. 13)

DOS MOTIVOS QUE LEVAM AS PESSOAS POR ESTE OU AQUELE CAMINHO... OU A EXCELÊNCIA DE QUATRO HOMENS BONS

(Continuado da pág. 12)

Vem-me à memória em primeiro lugar o P.e Manuel de Sá Pereira que foi Presidente da Câmara na ditadura de Salazar. Não era Salazarista, mas sim, monárquico, muito antes de ser pároco de Caminha. Foi um dos poucos homens a quem os criminosos e nojentos «pides» não meteram medo.

Estávamos a dúzia e meia do dia das eleições presidenciais, com o general Norton de Matos a candidatar-se pela Oposição. Salazar não queria ser desalojado do poder e pôs a sua terrível máquina a funcionar. Os «pides» entravam pelas casas dentro, remexiam em tudo, esfaqueavam os colchões, espalhando a palha pelos quartos, e levaram presas as pessoas, que faziam parte da Comissão Norton de Matos, para o Posto da Guarda Nacional Republicana de Esposende. Depois de insultar e cuspir na cara de alguns, mandavam-nos para a cadeia, dando ordens terminantes ao comandante do Posto (cabo Briote) para que ficassem incomunicáveis. Eu estava no grupo dos detidos. Passei um dia de martírios, como se compreende.

Já de noite, aparece no posto o Padre Sá Pereira. Barafusta com os «pides», dá um forte murro na mesa e grita ao «pide» Soares (o terrível Chambeta) que era ele, Presidente da Câmara, quem mandava no Concelho e não consentia que homem algum saísse de Esposende. «E esse que está incomunicável (era eu) vai agora para minha casa». Pelo caminho disse-lhe que não podia dormir, enquanto aqueles meus amigos estivessem na cadeia. Em resposta disse-me que estivesse descansado porque os ia tirar de lá ainda naquele dia. Assim foi.

Vou tentar rever alguns melhoramentos feitos na sua presidência: Obras na Barca do Lago, abertura de novos caminhos em quase todas as freguesias

do Concelho, arranjo de caminhos velhos, a Avenida à beira-rio (começou); preciosa ajuda a Sousa Martins na descoberta de Ofir. Não é demais insistir que ambos previram a influência no dasabrochar do Turismo do Concelho e até começar com a criação da estância de Ofir.

Não é minha intenção esquecer o papel desempenhado pelo Antonino Borda, «o meu velho amigo», na aquisição de terrenos. Já adoentado, passava parte das tardes, contando-me as suas alegrias e tristezas, ocorridas durante a sua existência.

Regressado do Brasil, Câmara Duarte, a quem a sorte não bafejara naquelas paragens, veio trazer-me o seu abraço amigo e, com lágrimas nos olhos, pediu-me para falar ao Presidente da Câmara porque tinha necessidade de um emprego. Fiz o pedido e a resposta foi que sim, mas pelo «Fundo do Desemprego». Este homem era um pouco exagerado na maneira de bem vestir. Era invejado o seu porte elegante e a maneira de falar cativava.

Um dia, negro dia, aparecem, na Câmara, um engenheiro e um arquitecto. O primeiro com uma carta e o segundo com cartolina enrolada. Queriam falar com o Presidente da Câmara. O empregado do *guiché* disse-lhes que devia estar a chegar. Quase todos os dias vinha àquela hora. Passados poucos minutos o mesmo funcionário avisou-os que «o senhor Presidente vem aí. Os senhores esperam que ele chegue ao último degrau e apresentem-se.» Os homens apresentam-se: «Engenheiro Antunes e arquitecto Faria. Trazemos uma carta de recomendação de um amigo de V. Ex.ª».

O «Padre» vacila em pegar na carta que estava aberta, mas perante a insistência deles, leu-a e ficou sem saber o que fazer. Entretanto o arquitecto desenrola a planta que trazia. O Presidente não quis ver e disse-lhes: «De certeza que se vai dar um

jeito. Dentro de alguns dias telefonem para cá».

Passada uma semana, o engenheiro telefona para a Câmara e pede ligação para o gabinete do «Senhor Presidente». Depois da troca de algumas palavras, o presidente intima o secretário a saber qual foi o empregado que ficou com uma carta que a ele era dirigida. O secretário entra novamente no gabinete acompanhado pelo C. Duarte que trazia na mão a tal carta. «Está aqui o homem».

— Ó senhor Reitor, eu não fiz por mal.

— Qual senhor Reitor nem qual diabo! Agora vai limpar aquela merda que está no Cortinhal de Fão, do lado do rio, mas leva essa roupa, ouviu seu «pipi»? É para a outra vez não se confundir com o presidente da Câmara. Leva o António Herdeiro que também precisa de castigo».

O Américo Vieira (quem se não lembra dele?) entretanto chegou do Brasil. Era um homem muito considerado; tendo já sido Vice-Presidente da Câmara. Era muito amigo do Padre e quase todos os dias o vinha buscar para darem um passeio no seu carro. Passou, entretanto, pela minha oficina e eu disse-lhe: «senhor Américo, hoje o passeio vai ser a Fão para levantar o castigo a dois «condenados».

— Então o que foi, sr. Agonia?

— O seu amigo que lhe conte... Ainda o Padre não tinha terminado e já todas as pessoas que estavam na oficina tinham as bochechas ao rubro, inclusivé o «Padre». Seu Américo agarrou na mão do Presidente e disse-lhe: «Vamos levantar o castigo aos homens...»

Delães, 25-4-91

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

Chimarrão

CHURRASCARIA DE RODIZIO



LUGAR DOS ALHOS - GANDRA

TELEF. 96 17 64

4740 ESPOSENDE

ENTRANDO NA VIDA DE UMA ARTISTA FLORA PEREIRA APRESENTA-SE

Somos um incorrigível admirador do fado. Se formos mais coerente e mais exacto, diremos que não é bem do fado, mas sim das casas do fado. É que na realidade gostamos de ouvir cantar o fado no seu sítio próprio. Fora desse local o fado artificializa-se.

E por mor disto somos um *habitué* de A Lareira. Todos os sábados lá estamos a não ser que a agenda familiar assinala outros deveres.

Temos passado ali noites de glória. Não vamos contar como foi. Quem quiser que vá lá.

Não haja dávidas que o casal Cândida/Alexandre veio trazer àquela casa nível, serenidade e qualidade. A princípio achámos que a cozinheira não «tinha mão». Mas hoje come-se lá bem, canta-se o fado bem e convive-se bem. Não sabemos que Casa no Porto possua melhores artistas.

Por falarmos em artistas, a gente habituava-se a eles, abre familiaridade e fica-se amigo. É tudo uma família.

Cada artista é um mundo. Em regra o fado é fatalista e fataliza os seus intérpretes. E nós pensamos que eles vivem sempre em locais de faca e alguidar. Para sabermos se sim, se a sua vida era um drama, abeiramo-nos de Flora Pereira e abrimos o caderno das perguntas. E assim entramos no seu mundo.

O seu nome artístico é Flora Pereira. No registo civil ficou Flora da Luz Pereira. É uma apaixonada pelo fado. Por isso o cultiva. Por isso é uma fadista. Por isso encanta. Os seus admiradores acorrem a ouvi-la tanto na catedral do fado que é Lisboa (o fado lisboeta, já se vê) como nas várias capelas fadistas do Porto ou em zonas menos densas mas que não deixam de constituir um «ecossistema» artístico onde a canção nacional medra, é respeitada e acarinhada. Fão é um desses centros de via reduzido, mas a artista Flora Pereira, presentemente a actuar na Lareira sente-se compreendida e admirada como nas grandes urbes.

Dizem alguns sociólogos que o fado é a canção que melhor expressa a alma portuguesa e por isso o fazem remontar aos primórdios da nação; outros situam-no na época dos Descobrimentos, época de esplendor mas também de saudade, e alguns ainda o vêem engendrar no drama de Alcácer Quibir pois só para além desta data a alma nacional adquire a sua idiossincrasia peculiar.

Flora e seus *compagnons de route* enchem as casas onde actuam. Valor dos artistas? Atracção irrecusável da magia do fado? É possível que ambas as coisas, mais a identificação da alma lusitana com a própria quitesência do fado. Em qualquer parte de Portugal. Em Fão também.

— Como se faz um artista, neste caso uma pessoa que canta o fado?

Responde Flora Pereira: «Um artista não se faz. Quando muito aperfeiçoa-se, mas sobretudo nasce com essa vocação. É preciso que disponha de um meio próprio para desabrochar. E então realiza-se plenamente. O artista pode morrer sem nunca o ser. Ser na sua totalidade.

Vejamos como se consumou fadista Flora Pereira: «Eu comecei a cantar muito cedo, mais propriamente nos tempos da escola quando se faziam festinhas. Era uma brincadeira, mas foi aí que comecei a dar nas vistas. Um senhor que costumava organizar espectáculos nas colectividades reparou em

mim e eu passei a ser chamada para essas festas. Como simples amadora, diga-se, pois a minha profissão habitual era a de modista.

Mas o fado apaixonava-me. Eu sentia que tinha nascido para o cantar. Aos 16 anos ganhei um concurso no Bairro de Alfama, mas continuei sempre como amadora apesar de ser muito solicitada. Aos 21 concorri à Emissora Nacional e fiquei. A partir daí tornei-me profissional. Não ganhava por mês mas apenas por cada actuação. Nessa altura recebíamos 150 escudos por cada espectáculo.



Flora Pereira

Um cantor com certa audição pode não ganhar muito (eu tenho vivido do fado e graças a Deus não me queixo), mas convive diariamente com artistas que estão no galerim da fama, com vedetas da moda, com pessoas que adquirem por vezes o estatuto de mito. Flora Pereira gaba-se desse convívio, ou melhor, orgulha-se de ter mantido e ainda manter contactos e saudável companheirismo com artistas de grande qualidade.

«Eu, na Emissora Nacional, prtivei com Tavares Belo, Raul Marques que eram maestros e ainda com o autor de lindas letras que era o Nóbrega e Sousa. Emparcerei com o Toni de Matos, com a Maria da Fé, Maria Juju, Argentina Santos, Piedade dos Santos e muitos mais. Estou a lembrar-me do Alfredo Marceneiro, da Adelina Ramos, o Carlos Ramos e também o Carlos do Carmo. Há bem pouco tempo actuei com este artista no Porto. Enfim, um mundo fantástico que nos dá muita alegria». Evocou ainda os nomes de Maria de Lurdes Resende, Rui de Mascarenhas, Francisco José, Maria Clara e Maria da Graça.

Flora Pereira já não é uma jovem. É uma simpática vóvó (não sabemos se o é ou não: não lhe perguntámos), mas tem cara disso. A cantar não se dá por tal. Diz a propósito um «guitarra» que presentemente a acompanha, Samuel Cabral: «Possui uma voz doce para a idade que tem. Se a ouvirmos cantar sem a ver, quase juramos que se trata de uma jovem».

Há muita experiência em Flora. Coursou na escola da vida e, por isso, sobre a arte que cultivava, expende opiniões que podem ser aceites ou não. Perguntamos-lhe se a guitarra seria uma almofada, ou seja, se era uma base e

apoio para a pessoa que canta, opinião esta colhida em tempos de um outro fadista de fama, Gil Vilhena. A voz assenta sobre a guitarra e é conduzida por ela.

«Não concordo com isso. A voz é que conduz a guitarra e é esta que tem de ir atrás de quem canta. Agora que o guitarrista sirva de apoio ao fadista, não estou de acordo». Mais condescendente acabaria por rematar: «Se houver falbas com o guitarrista, a gente tem que o tapar, mas se houver falbas com o fadista, a guitarra tem de o aguentar».

— Para si, Flora, qual o melhor fadista? Terá sido o Alfredo Marceneiro?

«Conforme. Ele foi um grande intérprete do fado, sim senhor. O Marceneiro nasceu para ele. Não cantava, dizia o fado. E no fado não é importante cantar. É mais dizer. E tudo quanto ele dizia, a gente entendia. Ele diferenciava-se porque tinha uma dicção muito boa. Mas também gostava de ouvir o Carlos Ramos. Há um homem que eu tenho muita pena por ter deixado de cantar. Foi o Manuel Fernandes».

Dizem os entendidos que ao fadista são necessários cinco atributos: dicção, ritmo, estilo, sentimento e voz. Perguntamos a Samuel Cabral, que ainda há dois anos levou a Paris a apreciada cantora lisboeta para uma série de actuações, e a tem acompanhado com bastante frequência, qual destes atributos se destacam mais em Flora Pereira.

Responde; «Ela possui todas essas qualidade em alto grau. Por isso os colegas respeitam-na, os empresários escolhem-na — foi o caso do Domingos Parker — e muitos poetas, como Artur Ribeiro, preferenciam-na para estrear os seus poemas. Na «selva» do fado é muito considerada».

— Flora, até que idade (os jornalistas são muito curiosos e atrevidos) pensa continuar a cantar?

— Cantarei até que a voz me doa...

ARMANDO SARAIVA

POEMA

Cávado meu, das musas enjeitado,
É triste ver agora o teu penar,
Pois foste belo, vivo e aseado
E agora és um carneiro, a conspurcar...

Demagógica, criminosa e indecente
É a incúria com que vens sendo tratado
— E faz-se propaganda, a muita gente,
Que tu ainda és o mesmo, imaculado!

Eu, que seguí, passo a passo a tua morte,
Debalde defendendo a integridade
Que, para todos, era e é fulcral,

Lamento muito a tua pouca sorte
E culpo, veemente, a autoridade,
Quer do governo, do conselho ou distrital!...

ALTAMIRO ALMEIDA MARQUES

VENDE-SE

APARTAMENTO, RUA AZEVEDO COUTINHO N.º 6-2.º D.10 FÃO
FALAR COM O DOMO DO CAFÉ QUE ESTÁ POR BAIXO.
TELEF. 981786 FÃO OU 30-56-13-70 FRANÇA.
FALAR COM MARIA DE LOURDES ALMEIDA

JOSÉ DE AZEVEDO

É já um nome que faz parte da Galeria dos poveiros ilustres. Super-dotado, polivalente, toca guitarra, faz música, verseja, é escritor (com vários livros publicados) é jornalista, um notável contador de histórias e durante 9 anos dirigiu com muita competência o jornal «A Voz da Póvoa» que veio revolucionar a imprensa regional.

Todos os números reproduziam na 1.ª página a fotografia do acontecimento mais importante que tinha ocorrido ao longo da semana. Era o seu artigo de fundo. O jornal tinha um proprietário que não era ele: era a Sopete. Pois o Director do referido semanário fez tudo quanto humanamente foi possível para se libertar de várias pressões que sobre si caíam. E conseguiu-o. «A Voz da Póvoa» era um jornal isento em termos de política tanto regional como nacional. Para José de Azevedo «A Voz da Póvoa» nem era dos proprietários nem do Director. Era da Póvoa e só da a Póvoa servia.

E conseguiu-o. O nome de José de Azevedo vai enfileirar ao lado dos «mortais» poveiros: Santos Graça, Vasques Calafate, Cândido Landolt, Manuel Silva, Baptista de Lima, e logo a seguir e um Flávio Gonçalves e Rocha Peixoto.

Ao fim de 9 anos, depois de imprimir ao seu jornal um perfil e uma postura singulares, retira-se para uns tempos de reflexão. É apenas uma pequena pausa de guerreiro pois José de Azevedo não é daqueles que se empantufam cedo. Trabalhará sempre «até que a mão lhe doa». Aquele Abraço de A.S.

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

CANOAGEM

Descida internacional do Rio minho TUY - ESPANHA

Grato à Câmara de Esposende está o Clube Náutico de Fão. Pois no autocarro da mesma fizeram a viagem a Espanha a maioria dos seus canoístas para participarem numa prova de tanto prestígio. Com os agradecimentos precisos, também é preciso, não esquecer que são estas colectividades que mais esperam estas preciosas ajudas.

Falemos do Clube Fangeiro e o porquê desta chamada de atenção. O número de canoístas vai aumentando, com a captação da miudagem para esta modalidade principalmente no período de férias. Todos devemos ter uma pequena ideia do material que é necessário para a prática da mesma. Quanto custam as canoas, pagaias e demais equipamentos. Disso é que já nem toda a gente faz ideia. além disso o nosso clube participa em quase tudo o que diz respeito à canoagem, campeonatos regionais e nacionais de todas as categorias, e em muitas provas extras, os gastos nos transportes e por vezes nas refeições com os atletas também contam, e a canoagem não têm receitas próprias. O espectáculo desportivo que esta modalidade oferece não é pago pelos espectadores. Não têm associados a contribuir mensalmente, «para o Clube de Fão. Pode alterar-se este caso quando tiver o seu Posto Náutico» por isso até no desporto ajudar os que mais precisam é o lema. Mas voltando ao assunto inicial, com a partida de Fão marcada para as 7 da manhã, à chegada a TUY estacionou-se a velhinha carrinha do Náutico (que transportou as canoas) conduzida pelo dedicado dirigente Jorge Costa no local da competição que estava marcada para as 6 horas da tarde. A comitiva seguiu para VIGO (promessa do presidente

Né Vieira) e assim com a estabilidade do motorista (sr. Pilar) os locais visitados provocaram uma alegria, principalmente para os mais jovens. Antes retirou os farnéis, o almoço trazido de casa, pois o Náutico não podia dar-se ao luxo de pagar-lhes o almoço, e logo em Espanha!

No regresso a TUY a euforia era menor, a concentração era mais evidente, e não era para admirar, pois o Clube Náutico de Fão era dos poucos clubes portugueses convidados para uma competição de tanto gabarito, participada por cerca de mil canoístas.

Os resultados mais relevantes dos nossos atletas foram em K1 Juniores, Luís Faria, 2.º lugar; em K2 Juniores, António Roxo + António Ferreira, 6.º lugar; em K1 Cadetes, Miguel Pedras, 4.º lugar.

FUTEOL — Início da época 91-92

Começou a época de 91-92 do Clube Futebol de Fão, sob a orientação de José Manuel Vassalo um jovens treinador, que ultimamente esteve ligado às camadas jovens da Associação Desportiva de Esposende. Poder-se-á dizer que é um regresso à casa, um bom elemento (é-nos grato recordar esse exemplo), em que como jogador e simultaneamente dirigente foi de grande utilidade para o clube. E mais tarde, numa excelente época em que tivemos três equipas a disputar os respectivos campeonatos regionais, foi o responsável pelos juniores.

Outras aquisições: Pinheiro (ex-Forjães), Mocas (ex-Antas), Eiras (ex-Gandra), Ruca, Mário e Pedro (ex-juniores do Esposende). Regressam a Fão: Valdemar e Paulo Eiras (ex-Forjães), Pedras e Barcelista (ex-Antas), Zico (ex-Vila-Chã), Graça, Brazuca e Cavungi (ex-Gandra).

Pelo que se vê, a direcção vai apostar na maioria dos jogadores da terra. Acharmos uma medida acertada. Desde já têm a nossa solidariedade, e por isso pedimos aos jogadores fangeiros força de vontade, espírito de sacrifício e nada de euforias. Muito concentrados na responsabilidade que vão assumir, pois se algo correr mal já sabem que aparecerão os críticos com as frases já estudadas, «com os da terra não se vai a lado nenhum!» «Não valem nada!» «Só são bons quando jogam pelos outros clubes!»

Esperamos que isso não vá acontecer. Vamos aqui lembrar aos mais esquecidos, que foi com a prata da casa que se conseguiu a melhor classificação até hoje, neste campeonato: o 2.º lugar. Se não acontecesse um imprevisto desagradável que impediu José Albino de jogar em Cabeceiras de Basto o penúltimo jogo, e que se reflectiu no estado de espírito de toda a equipa — perdemos o jogo por 2-1 — teríamos conseguido aquilo que ainda hoje muitos sonham: a 3.ª Divisão Nacional.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA





CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

VENDA DE LOTES DE TERRENO PARA AUTO-CONSTRUÇÃO

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

TORNA PÚBLICO, que se encontram abertas inscrições, pelo prazo de TRINTA DIAS, contados do presente aviso, para venda de lotes de terreno para auto-construção, nas freguesias de Apúlia, Fão, Marinhãs e Palmeira do Faro, nos termos da deliberação do executivo Municipal tomada em reunião de 28 de junho do corrente ano e de harmonia com as seguintes condições, constantes do respectivo programa de concurso:

I — CONDIÇÕES GERAIS DE ADMISSÃO AO CONCURSO

1. Podem candidatar-se, numa primeira fase, todos os cidadãos naturais e/ou residentes na freguesia onde se localizam os lotes, e numa segunda fase, todos os cidadãos residentes no concelho de Esposende, que reúnem cumulativamente as seguintes condições:

1.1. Capacidade eleitoral através da inscrição no recenseamento da freguesia, com agregado familiar constituído;

1.2. Rendimento anual do agregado familiar, no ano de 1990, não superior a 1.684.200\$00;

1.3. Não possuir habitação própria;

2. A prova de naturalidade, residência e capacidade eleitoral, é feita, em princípio, pela exibição do cartão de eleitor, confirmadas pela respectiva Junta de Freguesia.

3. Entende-se por AGREGADO FAMILIAR, o conjunto de pessoas que vivem com o candidato em comunhão de mesa e habitação, ligados por parentesco, afinidade ou adopção.

3.1. A comprovação do agregado familiar será confirmada pela respectiva Junta de Freguesia;

4. Como rendimento do agregado familiar, considera-se o conjunto do valor do vencimento, salários ou subvenções ilíquidas do concorrente e das restantes pessoas do seu agregado, bem como quaisquer rendimentos de carácter eventual, exceptuando-se unicamente o abono de família.

4.1. A prova de rendimento será feita, em princípio, por declaração autenticada da entidade patronal e declaração da Repartição de Finanças relativamente a outros rendimentos;

II — INSCRIÇÕES

5. As inscrições serão feitas através de impresso próprio a fornecer pela Câmara Municipal.

6. Publicação de listas provisórias dos candidatos, com indicação dos admitidos e dos excluídos, quinze dias após o último dia do prazo para a inscrição, uma para a primeira fase e outra para a segunda fase.

6.1. Estas listas serão afixadas na Câmara Municipal e Juntas de Freguesia respectivas, sendo dada publicidade da sua afixação num dos jornais mais lidos na área do município;

7. Conversão das listas provisórias em definitivas, se no prazo de dez dias, contados da publicação das listas referidas no número anterior, não for apresentada qualquer reclamação pelos candidatos directamente interessados.

7.1. No caso de haver reclamações, estas serão decididas pela Câmara Municipal, no prazo de quinze dias;

III — HASTA PÚBLICA

8. As hastas públicas realizar-se-ão nos dias e horas a

indicar oportunamente, e nelas só poderão participar os concorrentes, consoante tenham sido admitidos à primeira ou à segunda fase do concurso.

9. Abrir-se-á licitação pública, com base no valor fixado para cada lote, sendo dada preferência à maior oferta.

9.1. As áreas e o preço base de cada lote constam do aviso anunciador das hastas públicas;

9.2. Em qualquer das fases:

9.2.1. Não serão permitidos lances inferiores a 10.000\$00;

9.3. O licitante que arrematar um lote, depositará 10% do valor do mesmo, na Tesouraria da Câmara Municipal, no prazo de 24 horas, importância esta que reverterá a favor da Câmara Municipal, no caso do não cumprimento dos prazos para pagamento do valor restante do lote;

9.3.1. Deverá ainda ser liquidado 6% do valor arrematado, nos termos do art.º 15.º da Tabela Geral do Imposto do Selo;

9.3.2. O valor restante do lote deverá ser liquidado nos seguintes prazos: 20% no prazo de NOVENTA DIAS, contados a partir da comunicação da adjudicação; 20% no prazo de CENTO E CINQUENTA DIAS, contados a partir da mesma comunicação; 20% no prazo de DUZENTOS E DEZ DIAS, contados a partir da mesma comunicação; e 30% no prazo de DUZENTOS E SETENTA DIAS, contados a partir da mesma comunicação da adjudicação.

IV — DISPOSIÇÕES FINAIS

10. No caso de haver desistência de concorrentes na primeira fase ou se verificar que, após a realização da hasta pública, existem lotes de terreno ainda por arrematar, proceder-se-á a segunda hasta pública, com os concorrentes à segunda fase.

11. O contrato de compra e venda será celebrado no prazo máximo de trinta dias, após o pagamento da última prestação.

12. O comprador fica obrigado a iniciar a construção no prazo máximo de DOIS ANOS, a partir da data da adjudicação e a tê-la concluída no prazo de TRÊS ANOS, salvo motivo de força maior, aceite pela Câmara Municipal.

13. O projecto-tipo da construção será fornecido gratuitamente pela Câmara Municipal, ficando a licença isenta das respectivas taxas.

14. A alienação dos terrenos e habitação, só poderá ter lugar cinco anos após a data da escritura e nos termos da legislação aplicável.

15. O não cumprimento dos prazos ou das condicionantes atrás referidas, fará reverter para a Câmara Municipal a totalidade do lote, independentemente das benfeitorias, sem direito a qualquer indemnização, reserva esta que deve ser objecto de registo na Conservatória do Registo Predial.

16. Em tudo o que estiver omissis ou dúbio, o Executivo decidirá irrevogavelmente e sem recurso.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente aviso que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

Esposende e Paços do Município, 6 de Setembro de 1991.

O Presidente da Câmara,

Alberto Queiroga Figueiredo

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



A CULTURA DO MELÃO

(Continuado do número anterior)

Deste modo, há um melhor aproveitamento do azoto, dado que é facilmente arrastado para camadas profundas (lexiviação) e ao mesmo tempo, há possibilidade de o dosear mais correctamente. O adubo que deve ser usado para o efeito, é o *nitro-amoniaco* 20,5%, salvo se o terreno for alcalino, pois neste caso, deve-se usar o *sulfato de amónio* 20,5%. Convém fazer 2 adubações de cobertura à razão de 150/200 kga, com qualquer dos adubos, conforme as circunstâncias atrás referidas. Este adubo deve ser espalhado em volta do colo das plantas em coros circular, mas sem tocar neste, em seguida deve ser enterrado com uma ligeira sacha. As 2 aplicações devem ser feitas com intervalos de 3 a 4 semanas.

10 — PREPARAÇÃO DO TERRENO:

esta cultura exige uma boa preparação de terra. Inicia-se a preparação do solo, no fim de Outono com uma *lavoura profunda de 30 a 40 centímetros*, com a finalidade de *favorecer o desenvolvimento radicular e o armazenamento de água*. Com esta lavoura, aproveita-se para *enterrar o estrume* e parte da adubação fosfo-potássica e, *se necessário, fazer a correcção do solo, com calcário*. No mês de Fevereiro, fazem-se 2 *passagens de grade* para romper a crosta superficial e *eliminar um grande número de más*

ervas, bem como enterrar os restos de estrume que haviam ficado à superfície.

Pouco antes da sementeira, espalham-se os restantes adubos de fundo e incorporam-se com uma gradagem.

11 — DESINFECÇÕES DO SOLO

Estas são essenciais nesta cultura, sobretudo quando é feita várias vezes na mesma terra. Nestas, temos a considerar dois tipos:

- Com fungicidas do solo
- Com insecticidas do solo

a) Fungicidas do solo

estes servem para combater os fungos que atacam a parte subterrânea das plantas. os fungos que mais atacam esta cultura são:

- *Botrytis, Rizoctonia, Fusariose*
- *Verticilliose, Antracnose, etc.*

Para combater os dois primeiros terão de lançar mão de *quintozene* (Brassicol), à razão de *50/100 gramas por metro quadrado*, no entanto a sua incorporação terá de ser feita na terra, com um mínimo de 7/8 meses, antes das sementeiras.

Para os restantes deverão usar uma mistura de *Previcur* na dose de 150 a 200 cc., com 200 g. *ortho-difolatan*, ou *Fuclasin Ultra* na mesma dose em cada 100 l. de água.

A mistura dos dois produtos deve ser aplicada em pulverização, incidindo esta junto ao colo das plantas.

b) Insecticidas do solo

Oa insecticidas do solo servem para combater os lagartos, roscas, noctuas, ratos e afugentar as toupeiras. Há um insecticida que infelizmente é largamente usado no nosso país, estando proibido em todo o mundo, dada a sua grande toxicidade, que é o *Aldrin*. Os produtos que devem utilizar para este efeito, deverão ser o *Thiodan em pó molhável, ou em líquido*, o *Dyfonate*, ou o *Dursban*. Os dois últimos, dado que são granulados, têm de ser espalhados e incorporados na altura das sementeiras, ou plantações. O *Thiodan* pode ser usado em qualquer altura, pois é *aplicado em pulverização* na dose de *6 a 8 kgs. por hectare*, ou *6 a 8 litros* conforme se usa o pó molhável ou a emulsão, utilizando *100 litros de água*. Tem ainda as vantagens de *custar 1/3 de qualquer dos atrás citados, pode misturar-se com os herbicidas na altura da aplicação destes e se poder usar após as sementeiras, ou plantações*.

12 — COBERTURA COM PLÁSTICO:

Esta prática tem como finalidade proteger a sementeira, estendendo sobre ela uma lâmina de plástico. as vantagens com este método são:

- Aumento de precocidade no nascimento das plantas.
- Antecipação na colheita de *15 a 20 dias*.
- Antecipar a data da sementeira.
- Prevenir os riscos de *geadas, chuvas e frios* à nascença.

(Continua na pág. 18)

Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst

Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Com. Alentejo n.º 1438

(Continuado da pág. 17)

e) Menor quantidade de ervas e mais fácil e económico o seu controlo.

13 — DESINFECÇÃO DAS SEMENTES:

Para se conseguir o controlo preventivo de algumas doenças, convém fazer a desinfeção das sementes. Para isso deverá utilizar os seguintes produtos: *Mancozebe (Kor 80)* à razão de 250 a 500 g para cada 100 Kg de semente, ou o *bicloreto de mercúrio* em soluções de 1 por mil (1%).

14 — SEMENTEIRA:

A sementeira do melão, dum maneira geral, faz-se no local definitivo. A

semente não deve ficar enterrada mais de 2 a 3 centímetros. se o tempo estiver seco, convém, na véspera aplicar água nas covas ou covachos para facilitar a germinação, dever-se-á também pôr a semente de moljo em água, durante algumas horas, e a seguir pô-la num saco, que se cobre com terra num local quente, e decorridas 24 a 48 horas, pode semnear-se. Deste modo, a germinação verifica-se ao fim de 5 a 6 dias. caso contrário demorará cerca de 2 semanas.

Os compassos dependem do sistema de sementeira, variedades usadas, fertilidade do solo, etc. Os mais vulgares em regra são de 1mx1m, ou 1mx2m.

Em cada covacho convém pôr 4 a 6 sementes, sendo as plantinhas depois desbastadas, ficando apenas 2 ou 3 por cova.

A época da sementeira depende das condições climatéricas, da temperatura ambiente e do estado das sementes. No

NOVO

A MATÉRIA ORGÂNICA É A BASE DA FERTILIDADE

ESTREGUANO

É UM PRODUTO EXCLUSIVO DA

ESTRELA ADUBO

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda
Est. R. 192 - Moura (Beja)
Telex 91396 Adubo P - Tels (033) 91382 - 91383
Apert. 1045 - 3309/9222

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÊSO



DESCARREGADOR E ELEVADOR



CALIBRADOR POR PÊSO 4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

nosso país, dum maneira geral, efectua-se de Março a Maio.

15 — REGAS:

As regas devem efectuar-se à tardinha, quando a temperatura da terra for aproximadamente idêntica à da água. A água deve circular em volta do colo das plantas e nunca junto destes. As regas sucessivas, dão origem a frutos de pior aroma e sabor, sujeitos a gretar. As regas feitas durante a floração são prejudiciais por provocarem más fecundações.

Quando o desenvolvimento é vigoroso, convém diminuir o número de regas e a sua intensidade. Não se deve usar a rega por aspersão, pois esta, dá origem, a que as plantas se tornem mais susceptíveis a doenças e a perturbações fisiológicas. Na época da maturação, convém alongar mais os períodos entre as regas.

16 — ROTAÇÕES CULTURAIS:

Esta cultura não se deve fazer no mesmo terreno, sem decorrerem 4 a 6 anos após a anterior, dada a sua sensibilidade aos ataques de doenças criptogâmicas, especialmente a *fusariose* e a *verticilliose*. Esta cultura pode fazer-se, a seguir às de *batata, milho, trigo*, etc. Não se deve fazer antes das culturas de *pepino, tomate, pimento, beringela*, etc.

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

(Continua no próximo número)

CARTAS AO DIRECTOR

«A PROPÓSITO DO SR. BARRA REIS»

Ex.mo Senhor
Director de «O NOVO FANGUEIRO»

Quero manifestar-lhe a minha estranheza, até surpresa, pelo facto do Jornal que V. Ex.ª dirige, se permitir dar cobertura ao Sr. Barra Reis, para abordar assuntos de carácter estritamente pessoal, quando outros jornais já há muitos anos lhe tiraram o acesso.

Não creio que o Jornal vá enveredar por esta forma de suscitar polémicas, mas ao abrir este precedente, duvido que possa sustentar, no futuro, o conceito dum órgão ao serviço duma população que se pretende activa, mas pacífica e unida.

— Será de admitir que o Sr. Director vai aceitar amanhã uma carta para publicação, em que determinado indivíduo insulte outro, a pretexto de ser assinante e só porque não gosta dele?

Não sou eu que vou alimentar polémicas, nem responder ao Sr. Barra Reis, para não ter de levantar os seus fantasmas na idade do «fogo fátuo» da sua existência atribulada e nada dignificante para um Fanguero digno deste nome. Seria «deitar pérolas a porcos», como soi dizer-se.

Espero, todavia, que Fão não tenha esquecido o curriculum deste senhor, só porque veio agora armar-se em vítima dum processo de inquérito de que foi alvo e toda a gente sabe. Eu conheci-o bem na vivência dos problemas das instituições de Fão de que fiz parte e foram todas, bem como através de informações e constatações minhas e da generalidade das pessoas da Terra.

Não vou responder a um chorrilho de aleivosias maldosamente concebidas nem a insinuações subjectivas, porque o Povo de Fão sabe distinguir a diferença de personalidades.

Sr. Director: vou colocar algumas questões, para serem respondidas por quem de direito... e se Sr. Barra Reis quiser!

— Quem foi o fanguero (?) mais marginal ao conceito social da Terra?

— Quem foi que atingiu o Dr. Alceu, com vasos lançados do terraço e «à falsa-fé»?

— Quem provocou o Sr. Adelino Saraiva, para um confronto físico a duo, naqueles tempos «quentes» de Fão?

— Quem suscitou aquela frase magoada do ex-comandante Esteves a dois elementos da Direcção dos Bombeiros, «Este sujeito é o que vai acabar comigo», referindo-se ao Sr. Barra Reis?

— Quem foi o autor do acto sacrílego de espalhar as sagradas partículas do Templo do Senhor Bom Jesus?

— Quem foi o «BUFO», que, em atitude pidesca, denunciou o filho do Sr. Agonia, a quando da admissão a um estabelecimento de ensino militar, sob a acusação de pai comunista?

— Porque foi que a Misericórdia de Fão moveu uma acção judicial contra o Sr. Barra Reis, para recuperar um prédio sua pertença e que tinha ido parar à posse deste Senhor, por «artes mágicas», indevidamente? (chamar-lhe ladrão será crime?)

— Quem é que foi demitido em 1946 de correspondente do Jornal de Notícias, em Fão e porquê?

— Quem, no Diário do Norte, chamou ao se. Agonia neo-comunizante? Aí, e por isso, o sr.

ÁFRICA, ADEUS

(Continuado da pág. 20)

pequeno almoço e fomos logo rodeados de alguns habitantes da povoação que queriam saber notícias lá de cima.

foram esclarecidos dentro do possível. Eles receando serem atacados, já tinham mandado as mulheres e as crianças para Luanda. Dali a pouco o Zé Maria serve-nos o pequeno almoço e fica ao nosso lado a conversar: «Estou aqui só. A minha mulher e os filhos foram para Luanda e eu cá tenho que aguentar. Como sabem eu era empregado do Acácio Cunba e com as economias que lá consegui, fiquei com este bar há dois meses. Se não tivesse aqui o dinheiro ia-me embora, mas sem dinheiro vou para onde?»

(Continua)

Agonia podia ter ido «dentro». E os filhinhos? — Não sabe? Pergunte a Fão e obterá a resposta.

A propósito do Sr. Barra Reis, queria informá-lo de que, o confidencialismo do depoimento, só na cabeça dum mentecapto teria lugar e como eu nunca recuei por covardia ou medo, passada quase meia geração, ainda o subscrevo «IPSIS VERBIS». Quanto à utilização do seu processo para fins indevidos, será assunto para outra oportunidade.

Grato pela atenção dispensada.
Subscreve-se,

Carlos Rodrigues Palma Rio

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; bolte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

DANGER!

Uma noite destas, precisamente no dia 25 de Setembro, o mestre Agonia que toda a gente de Fão acarinha, encontrava-se, como é costume, a comer na Rita Fangureira. Seriam umas 9 horas da noite. Agonia Pereira estava só, como é regra, a sala encontrava-se agradavelmente composta e, numa mesa ao lado, duas senhoras alemãs comiam e conversavam paullatinamente.

Abrimos aqui um parentesis para dizermos que no perfil que dele traçamos, em tempos, esquecemo-nos de focar um aspecto, uma faceta ou uma vertente, como agora se diz: é que mestre Ainoga foi sempre uma galifão de se lhe tirar o chapéu. Em sua homenagem e por seu mérito, o léxico fangureiro foi enriquecido com a expressão «regar os vasos» para referir a tal mastigação adamita da maçã.

Perguentem a ele o que foi, pois não haverá qualquer pudicícia, da sua parte, em narrar com todos os pormenores o caso que deu origem a esse novo enriquecimento vocabular.

É um macho assumido. «Mas ainda é?», perguntarão os amigos distantes que sabem que ele entrou há dias na carruagem número 84... anos. A pergunta fica em suspenso para já. Vamos entrar de novo na sala de jantar pois, se não, as alemãs pismam-se. O Mestre ainda se encontra sozinho e é sozinho que tenta abrir

uma garrafa. Dizem os manuais que este é um dos processos de «ataque». Vendo que os seus esforços eram em vão, a subdita germânica mais nova levanta-se, ou melhor, caiu na esparrilha, e ajuda a desembuchar a rolha. Em que ela se foi meter... O nosso querido conterrâneo nunca mais deixou de «falar» com elas. Agradeceu-lhes muito e sorriu mais ainda. O riso é uma fala universal.

Depois de muita «conversa», os gestos também falam, o quase anfitrião da Rita convidou-as a ir beber (fez o gesto com os 4 dedos para cima e o polegar nos lábios) em sua casa um Oporto Whine. «Lá! Lá!» — disseram elas e lá foram xom ele à sua casa da Rua da Cruz. Ficava ali pertinho.

O que se passou lá dentro não o sabemos. Foi tudo à porta fechada. Testemunham algumas pessoas que as duas turistas, a mais velha era médica (claro que o Mestre não fazia a coisas por menos), saíram ao fim de hora e meia, «com o rosto afoqueado, mas felizes».

Isto estendeu-se célere em Fão e ao outro dia perguntaram-lhe os amigos, parceiros do jogo, como tinham corrido as coisas. O resistente e afoito octagenário, riso de felicidade e de vitória nos lábios, lá lhes respondeu que as reteve em casa durante hora e meia, conversou com elas sempre e só com as mãos. Mais uns risinhos, mais umas palmadinhas, mais uns yes, yes (parece que foram 24) em suma, uma gozação.

A certa altura, um dos presentes, meio admirador, meio descrente, invectivou-o:

— O sr. tem 84 anos. Mas foi mesmo ao fundo da questão? Mesmo ao fundo?

— Bem — respondeu o Mestre Ainoga — elas eram duas e, c'o diabol, uma estava a mais! Mas lá que ficaram satisfeitas, ficaram.

Agora o leitor veja se abarca o perigo desta aventura. As fraus vão para as suas casas e a primeira coisa que contam às amigas são aventuras. A propósito contam que um simpático ansião de 84 anos as levou em Ofir para casa e que não deixou o crédito por mãos alheias. E acrescentaram: «O que fariam, imaginem, os jovens de 20 e 30 anos?».

A notícia enche de espanto a cidade do onde moram. E para o ano já sabem: todas as viúvas, solteironas, balzaquianas, atraícoadas, abandonadas, desquitadas, mal casadas, da Alemanha vão cair em Ofir como os jogadores de rugby sobre o possuidor da bola.

Vai haver necessidade de uma ponte aérea. Claro que as três unidades de Ofir, não vão dar vazão a tanta procura. Vai acontecer o *overbooking* (incapacidade de alojamento por excesso de marcações) e isso pode acarretar um sério revez para o turismo local.

Para evitar situações destas, que são sempre de nefastas consequências, não seria bom convidar o sr. Lima a pôr, no lugar onde mestre Agonia come, uma espécie de aureola à moda do santo, com um único dizer: *Danger!*

ÁFRICA, ADEUS (20)

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

O João Bailundo pegou numa enxada e correu para o camião, começando a retirar a terra da frente dos pneus, enquanto os restantes homens encostados aos carros de arma na mão, montavam guarda. Pouco depois e após algumas tentativas, o carro do Augusto Ferreira consegue sair da vala. Andou alguns metros e parou à espera que os outros carros passassem.

O Neves entrou para o seu camião, tentam pôr o motor em funcionamento mas este não obedeceu. Depois de várias tentativas, apercebeu-se que lhe tinha queimado a bobine. Como o carro era de combustão a gasolina, e como vinha a trabalhar com ligação directa à bobine, quando o motor parou, a bobine ficou ligada provocando um aquecimento, e daí a sua avaria.

E agora o que fazer? Todos nos interrogávamos. Tínhamos de abandonar o camião, pois não havia outra alternativa.

«Espera, exclamou o Neves, tenbo uma bobine velha na caixa da ferramenta: pode ser que ainda funcione».

Imediatamente o Neves começou a operação da substituição da bobine enquanto os outros faziam guarda. Como era um indivíduo bastante habilidoso e de certa forma corajoso, breve concluiu o trabalho. Entrou para dentro do carro, pôs o motor a trabalhar e este obedeceu. Foi um alívio para todos nós. Arrancou de vagar, entrou na vala e conseguiu passar sem novidade. A seguir passei eu com o jeep sem problemas.

O pior estava dali para a frente. Já não existiam mais valas mas o dia estava praticamente no fim. O sol no horizonte indicava-nos que não nos podíamos demorar.

Agora a velocidade era maior e breve alcançámos a ponte do rio Dange. Ao atravessá-la, foi como ganhar uma nova

alma. O perigo tinha passado. Percorremos mais vinte quilómetros e chegamos ao acampamento dos trabalhadores da estrada. Parámos e fomos recebidos por todos com manifesta alegria.

A noite caía e com ela os perigos aumentam. «Vocês ficam cá connosco». Oferecem todos. «Dormem cá e seguem de manhã para Luanda». As opiniões divergem: uns querem ficar, outros querem continuar a viagem de noite, até que todos concordam em ficar. O Reis, fiscal de Obras Públicas e meu amigo pessoal, providenciou uma refeição quente que veio recompor os estômagos de todos.

Conversando com o Reis, perguntei-lhe: «Será que a nossa estadia esta noite aqui não vos vai trazer problemas? Sabemos as vossas limitações». «Não», respondeu o Reis, «os trabalhos na estrada estão parados por falta de segurança e os trabalhadores brancos limitam-se a guardar o acampamento. Portanto aqueles que estão de guarda de noite, cedem as camas para vocês. Como vêem não há problema».

Posto isto e depois de um pouco de conversa sobre a actual situação, fomos dormir. Logo que me dei, adormeci profundamente. De manhã acordei, já o sol me visitava através das frinças das janelas. Os nossos anfitriões, sabendo como estávamos cansados, não nos acordaram.

Era o dia vinte de Março. O meu primei-

ro pensamento foi para Luanda. Como estaria a minha família? Bem, daqui a pouco lá estarei: só faltam duzentos quilómetros.

Levantei-me e comecei a vestir-me. O Reis entrou no quarto. «Isso é que é dormir, não é verdade?» «Lá isso é», respondi. «Quando sabemos que há alguém a guardar-nos, deixamo-nos dormir».

O Reis tinha preparado café para nós, e depois de termos passado um pouco de água fresca pela cara, tomámos o café e preparámo-nos para partir.

Dirigi-me ao Neves, a perguntar-lhe quanto lhe devíamos. Seria uma ofensa. Portanto só restava agradecer. Abraçámo-nos e despedimo-nos. Partimos com os desejos de boa viagem daqueles que ficaram.

Quinze quilómetros percorridos, alcançámos a povoação Comercial do Piri que fica ligeiramente ao lado da estrada. Não parámos; continuamos viagem. A próxima povoação era o Ucuá que ficava a cerca de cinquenta quilómetros. Florestas impenetráveis separavam as duas povoações. Só, sensivelmente a meio, existia uma fazenda de café, mas mesmo essa não ficava à margem da estrada. Seguíamos a boa velocidade e confiantes, pois até àquela data não tinha havido nada naquela zona.

Cerca de bora e meia de marcha, chegámos finalmente ao Ucuá onde parámos para tomar o pequeno almoço. Entrámos no Bar do Andrade que nessa altura estava a lugado ao Zé Marla. Encomendámos o

(Continua na pág. 19)

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO